



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA PARA
CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO**

DENISE BATISTA DE SOUSA

**A DOCÊNCIA FEMININA NO CAMPO E SUAS MEMÓRIAS:
UM ESTUDO NO SÍTIO PITOMBEIRA-MUNICÍPIO DE SUMÉ PB.**

**SUMÉ – PB
2011**

DENISE BATISTA DE SOUSA

**A DOCÊNCIA FEMININA NO CAMPO E SUAS MEMÓRIAS:
UM ESTUDO NO SÍTIO PITOMBEIRA-MUNICÍPIO DE SUMÉ PB.**

**Monografia apresentada ao Curso de
Especialização em Educação Contextualizada
para Convivência com o Semiárido Brasileiro da
Universidade Federal de Campina Grande /
Centro de Desenvolvimento Sustentável do
Semiárido, como requisito para obtenção de
título de especialista.**

Orientador: Professor Ms. Valdonilson Barbosa dos Santos

**SUMÉ – PB
2011**

S725d Sousa, Denise Batista de..

A docência feminina no campo e suas memórias: Um estudo no sítio pitombeira-Município de Sumé PB / Denise Bastista de Sousa. – Sumé - PB: [s.n], 2011.

60 f; II.

Orientador: Professor Ms Valdonilson Barbosa dos Santos.

Monografia (Especialização) – Universidade Federal de Campina Grande. Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido. Curso de Especialização em Educação Contextualizada para convivência com o Semiárido Brasileiro.

1. Trajetória docente. 2. Identidade de gênero. 3. Docência no campo. I. Título.

CDU: 37(043.3)

DENISE BATISTA DE SOUSA

**A DOCÊNCIA FEMININA NO CAMPO E SUAS MEMÓRIAS:
UM ESTUDO NO SÍTIO PITOMBEIRA-MUNICÍPIO DE SUMÉ PB.**

**Monografia apresentada ao Curso de
Especialização em Educação Contextualizada
para Convivência com o Semiárido Brasileiro da
Universidade Federal de Campina Grande /
Centro de Desenvolvimento Sustentável do
Semiárido, como requisito para obtenção de
título de especialista.**

Área de Concentração: Educação

Aprovado em ____/____/ 2011

BANCA EXAMINADORA

**Professor Ms. Valdonilson Barbosa dos Santos
UAEDUC/CDSA/UFCG
Orientador**

**Professora Dr^a. Maria do Socorro Silva
UAEDUC/CDSA/UFCG
Examinador**

**Professora Ms. Tânia Régia de Oliveira
Examinadora externa**

**Sumé – PB
2011.**

Dedico ao professor Valdonilson Barbosa dos Santos, as ex-professoras e professoras da UMEIEF. Rodolfo Santa Cruz e a todos e todas que colaboram de forma direta ou indiretamente para construção desse trabalho de pesquisa.

AGRADECIMENTOS

A **Deus** pelo o dom da sabedoria, necessário para a construção desse trabalho.

Ao **professor Ms. Valdonilson Barbosa dos Santos**, Orientador, por contribuir com pensamentos luminosos vigentes na literatura explorada para a construção desse trabalho, ajudando-me para assim, analisar a docência feminina no campo e suas memórias: um estudo no sítio Pitombeira - PB.

A professora e colaboradora deste trabalho a **Dr^a Maria do Socorro Silva** por conduzir com presteza o meu pleito de sua participação na banca.

A **professora Tânia Régia**, por sua contribuição em participar da minha avaliação.

Ao corpo docente do curso de especialização em Educação Contextualizada para Convivência com o Semiárido Brasileiro e aos colegas da turma por contribuírem significativamente para a minha formação.

As minhas **ex-professoras e professores** da UMEIEF. Rodolfo Santa Cruz, por contribuírem durante o período em que durou a pesquisa.

As **minhas colegas de trabalho**, com as quais compartilhei muitos momentos de angústia, mas também de alegria.

A minha querida filha Maria Isabel Sousa da Costa e ao meu esposo amigo **José Lucinaldo Alves da Costa** por conduzir nas idas e vindas para este espaço e por compreender a minha ausência durante esse processo.

RESUMO

Esta pesquisa aborda a construção da identidade de gênero e a concepção de semiárido incorporada no processo de ensino das ex-professoras e professoras a partir da memória individual e coletiva das educadoras e de algumas pessoas da comunidade do sítio pitombeira, município de Sumé. Situado no semiárido do cariri paraibano, do qual apresentamos a evolução histórica; caracterização da comunidade, da escola e da população escolar. O objetivo foi investigar a construção da identidade de gênero a partir das memórias, bem como a concepção de semiárido internalizada por essas educadoras e difundidas na trajetória docente. A pesquisa tem base teórica feminista, (SOUSA e CARVALHO), além de contar com autores que reforçam o princípio da convivência com o semiárido (MALVEZZI); (NORA) e (TEDESCO) e outros fundamentando a história oral revelada por estas profissionais. Contou com técnica etnográfica, com registros do cotidiano e aplicação de entrevistas semi-estruturadas com as ex-professoras que consideram “natural” os meninos serem agressivos, competitivos, enquanto, que as meninas são apresentadas como dóceis e compromissadas o que provoca desigual conduta para cada sexo. E nesse contexto, a concepção de semiárido internalizada no imaginário e na prática dessas professoras durante a trajetória docente, é aquela que reforça as mazelas e as impotencialidades da região semiárida. Enquanto, que a mesma pesquisa realizada com as professoras revelou visões divergentes. Essas professoras concebem de forma diferente o semiárido, como sendo um espaço rico, de grandes potencialidades, as quais geram qualidade de vida para os sertanejos. E para elas a construção da identidade de gênero se dá de forma não sexista no âmbito escolar, com posturas que revelam o início da equidade de gênero (no recreio da escola e até mesmo durante as atividades realizadas em sala de aula). Enfim, a pesquisa não busca culpados educacionais, mas compreender a concepção de semiárido e atrelado a isso a construção da identidade de gênero, levando em consideração a trajetória profissional docente, a partir das memórias, das ex-professoras e professoras.

Palavras-Chave: Trajetória Docente. Identidade de gênero.

ABSTRACT

This research addresses the construction of gender identity and the concept of semi-arid incorporated in the teaching of former and current teachers from the individual and collective memory of hers (the teachers) and some people in the community Pitombeira farmstead, city of Sume. Situated in the semi-arid Paraiba Cariri, which presents the historical evolution; the characterization of the community, school and the student body. The purpose was to investigate the construction of gender identity from the memories, as well as the idea of semi-arid internalized and disseminated by these educators in teaching trajectory. The research is based feminist theorist (SOUZA and CARVALHO), and rely on authors to reinforce the principle of coexistence with the semi-arid, (MALVEZZI), (NORA) and (TEDESCO), and others that support the oral history revealed by these professionals. The research used an ethnographic technique, with records of daily life and application of semi-structured interviews with former teachers who consider "natural" boys are aggressive, competitive, while girls are presented as docile and commitments which causes inequitable conduct for each gender. And in that context, the concept of semi-arid internalized in the minds and practice of these formers teachers during the teaching career is one that reinforces the ills and weaknesses the semi-arid region. While the same technique performed with current schoolteachers revealed divergent views. These teachers conceive differently the semi-arid, as a rich space, great potential, which generate quality of life for the backland. And for them the construction of gender identity occurs in a non-sexist in the school, with postures that reveal the beginning of gender equity (in the school playground, and even during the activities in the classroom). Finally, the present educational research does not seek to blame, but understanding the idea of this semi-arid and coupled to the construction of gender identity, taking into account the teaching career, from the memories of former and current teachers.

Keywords: Trajectory Teaching, Memory, Gender.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	UM OLHAR DE GÊNERO SOBRE A HISTÓRIA DO SÍTIO PITOMBEIRASUMÉ/PB.....	19
2.1	CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDAD.....	18
2.2	CARACTERIAZAÇÃO DA ESCOLA.....	28
2.3	CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO ESCOLAR.....	30
3	COMPREENDENDO O PROCESSO METODOLÓGICO.....	33
3.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	33
3.2	UNIVERSO DE ESTUDO.....	35
3.3	INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	36
3.4	ANÁLISE DOS DADOS.....	38
3.5	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	38
4	HISTÓRIA DE VIDA E A DOCÊNCIA: A CONCEPÇÃO DAS EX- PROFESSORAS E PROFESSORAS DO SÍTIO PITOMBEIRA EM RELAÇÃO AO SEMIÁRIDO NORDESTINO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO.....	40
4.1	CONCEPÇÃO DE SEMIÁRIDO NA VISÃO DAS EX-PROFESSORAS.....	41
4.2	IDENTIDADE DE GÊNERO.....	46
4.3	A CONCEPÇÃO DE SEMIÁRIDO NORDESTINO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE GENERO NA VISÃO DAS PROFESORAS DO SÍTIO PITOMBEIRA.....	48
4.4	CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO.....	50
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
	REFERÊNCIAS.....	55

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

1 INTRODUÇÃO

A opção por este tema se deve ao meu interesse como mulher, mãe, educadora e professora na busca de esclarecimentos quanto as circunstâncias em que permeiam as relações de gênero e as memórias de professoras e ex-professoras da comunidade do Sítio Pitombeira, Município de Sumé-PB.

A docência feminina no campo e suas memórias é um tema de relevância para ser investigado, principalmente no contexto do semiárido brasileiro, mais especificamente no cariri paraibano, na comunidade do Sítio Pitombeira do município de Sumé. Porque nesse espaço foi possível, a partir das memórias silenciadas ao longo do tempo, analisar nas histórias de vida das ex-professoras e professoras, como a construção da identidade de gênero se fez presente na docência rural, levando em consideração a concepção de semiárido internalizada por essas profissionais e difundidas em suas práticas no cotidiano escolar.

Nesse sentido, torna-se válido ratificar a importância dessa temática como forma de compreender a conjuntura social onde permeiam as relações sociais e de gênero imbuídas nas memórias e nas lembranças dos sujeitos dessa pesquisa.

E ainda nesse processo de sistematização, perceber a significância que tem para a região em que vivemos estudar as relações de gênero, as quais foram construídas no decorrer do tempo, e adormecidas por falta de registro escrito nas memórias das ex-professoras e professoras desse espaço tão singular que é o semiárido do cariri paraibano.

Por isso, o trabalho de pesquisa foi focado nas memórias e nas lembranças das ex-professoras e professoras com o intuito de registrar as concepções ora formuladas e difundidas no processo de ensino a respeito do semiárido nordestino, levando em consideração dentro dessa conjuntura a construção da identidade de gênero, pois o que é consolidado como sendo natural para ambos os sexos, foi também construído e formado historicamente no conjunto das relações sociais, as quais estão resguardadas nas memórias.

Portanto, esse estudo contribuiu para os esclarecimentos dessas questões, enriqueceu a literatura vigente e propiciou a comunidade o registro sistematizado de suas memórias, o que me deixa enquanto pesquisadora satisfeita nesse período de estudo.

Assim, esse trabalho apresenta a comunidade do Sítio Pitombeira desde sua origem levando em conta as memórias, as lembranças das ex-professoras e professoras, além de vários descendentes das primeiras famílias que lá habitaram, bem como, as manifestações que se revelam nas relações sociais construídas ao longo do tempo.

O primeiro capítulo retrata o semiárido nordestino, focando o cariri paraibano, bem como as características gerais da comunidade do Sítio Pitombeira tais como: localidade, clima, vegetação, aspectos demográficos. Discorre ainda a respeito da evolução histórica tendo em vista que, sendo uma pesquisa social, ressaltou pontos como: as relações sociais atreladas às crenças, valores, papéis atribuídos socialmente para o masculino e para o feminino, as relações de poder entre os latifundiários versus os meeiros, destacando nesse contexto, o viés de gênero atrelado às memórias e o aspecto educacional ao longo da história da comunidade em paralelo às atribuições femininas em destaque neste universo.

O segundo capítulo destaca a metodologia da pesquisa, ou seja, a caracterização da pesquisa, o universo de estudo, discorrendo sobre a instituição que forneceu os elementos necessários para a concretização desse trabalho, os instrumentos de coleta de dados, destinados às professoras e ex-professoras da instituição de ensino e por fim a análise dos dados.

O terceiro e último capítulo retrata as desigualdades de gênero atreladas à memória das ex-professoras e professoras da comunidade do sítio pitombeira bem como a concepção de semiárido apresentadas por elas. Discorre ainda sobre as desigualdades de gênero presente na diferenciação que o meio social e familiar produz, fazendo um mundo binário entre meninas e meninos, por meio das ações, comportamentos e atitudes que reforçam em diversas ocasiões os estereótipos sexistas.

Ressalta ainda a sutil mudança no que se refere à igualdade de gênero no meio escolar implementada pelas professoras, mesmo de forma assistemática na hora do recreio e durante a execução das atividades.

Destaca através das histórias de vida docente das ex-professoras e professoras a concepção de semiárido consolidado no imaginário e nas lembranças do tempo em que foram professoras, levando em consideração as dificuldades e os desafios enfrentados no percurso da profissão.

Por fim, apresentaremos as considerações finais seguidos das referências bibliográficas e o apêndice.

2 UM OLHAR DE GÊNERO SOBRE A HISTÓRIA DO SÍTIO PITOMBEIRA- SUMÉ/PB

O semiárido brasileiro é um espaço territorial que possui características naturais singulares, as quais vêm transpassando desde a colonização por processos que resultaram em mazelas para a região e que perduram até hoje, já que foram difundidas durante muito tempo através de ações e atitudes dos “coronéis” e dos políticos, os quais detinham o poder socioeconômico, concentrando em suas mãos grande parte dos recursos naturais (terra e água).

Assim, estes senhores comandavam toda essa conjuntura, e dominavam este espaço de modo autoritário, abusando do poder, gerando com esses comportamentos uma cultura pautada na submissão, no comodismo e no paternalismo, para com aqueles menos favorecidos e desprovidos do saber sistematizado presente nas instituições de ensino.

Com o desenvolvimento de outras regiões do país, o nordeste perdeu o seu encanto. Isso aconteceu em decorrência da relação entre o clima semiárido e o nordeste, atrelada as características naturais da região, porém isso reflete nas condições sociais e econômicas d homens e mulheres do semiárido nordestino, que não percebe essa conjuntura como sendo um problema de ordem, culturalmente instituído. Assim, disseminaram sobre a região um discurso de que o semiárido era sinônimo de seca, fome, e miséria, este preconceito foi internalizado no imaginário das pessoas, de modo que todo sujeito advindo do semiárido nordestino, deveria ser miserável, flagelado, retirantes, mortos de fome.

Esse conceito de semiárido como sendo espaço de seca e fome foi incorporado no meio social e por inúmeras instituições educacionais espalhadas pelo Brasil, incutindo na sociedade brasileira uma realidade sobre o semiárido que não condizia com a vivência dos sujeitos desta região. Albuquerque (1999),

chama atenção para os discursos fundadores de uma região marcada pelo estigma da fome, da pobreza e da seca. Nordeste pensado/produzido como sendo um lugar em que práticas discursivas ressaltam continuamente as mazelas, as quais caracterizam o semiárido nordestino com sendo um espaço problema, de solos rachados. (ALBUQUERQUE, 1999, p.32).

Porém, muito já tem sido feito para desmistificar essa gama de informações Silva (2006, p.271), por exemplo, reforça no contraponto afirmando que “a convivência com o semiárido vem se caracterizando como uma perspectiva cultural orientadora de processos emancipatórios, de expansão das capacidades criativas e criadoras da população sertaneja”. Já Carvalho (2004, p.21) complementa dizendo que “o semiárido não pode mais ficar sendo o reduto da pobreza nordestina. Ele é potencial, é competitivo, solidário, e possui antes de tudo uma identidade cultural comum que o faz único”.

È nesse contexto que está inserida a comunidade do Sítio Pitombeira, situada no semiárido brasileiro. Sua origem se deu com a fixação dos primeiros moradores (Reinaldo Brito da Silva, Sebastião da Silva, Antonio Romão, Oscar Canudo e os /as Messias) por volta de 1922 atraídos pela vegetação densa de médio e até grande porte a exemplo das baraúnas.

Segundo os moradores mais antigos, às vezes era preciso dois homens de braços abertos para abarcar toda a circunferência dos trocos destas árvores, as quais eram cortadas de forma rudimentar para serem transformadas em carvão vegetal. E seus troncos eram queimados por semanas, destacando-se nas noites escuras o braseiro avermelhado em meio à vegetação. Assim, Freixo e Texeira (2005, p.03) colocam que “a memória coletiva das comunidades se incorporam perpassando por diferentes gerações num movimento de reflexão e apropriação de sua própria história”, ou seja, essa prática foi incorporada como sendo uma atitude comum entre eles, pois era assim, que garantiam a sobrevivência de todos(as) e de cada um, elementos do senso comum sem reflexão crítica.

Nesse contexto, o clima semiárido era apresentado conforme o discurso, como sendo o maior vilão nessa história. O processo político alicerçado no autoritarismo dos (Major), figura marcante na região e nessa comunidade. Eles detiam o poder e dominava esse espaço mantendo estreitas relações com o governo, uma relação patrimonialista de um Estado a serviço das classes dominantes, gerando com esses comportamentos uma cultura pautada no autoritarismo desses Senhores e na submissão daqueles menos favorecidos.

A miséria da população trabalhadora era de responsabilidade das condições do clima. Nesse contexto, o discurso difundido na região foi aquele que fragilizava o semiárido e enaltecia as suas dificuldades, para que o Estado priorizasse as políticas de combate à seca. E estas por sua

vez de forma implícita e explícita beneficiassem esses Senhores na região, com a construção de inúmeros açudes e barragens em grandes propriedades, as quais eram cercadas privando o menos favorecido de um bem natural tão necessário à água. Para Costa:

a consolidação das políticas de desenvolvimento regional propiciou o alargamento das desigualdades regionais [...] assim, o contraste entre o centro sul desenvolvido e o nordeste atrasado fora se estabelecendo e forçando a política de planejamento destinar “atenção especial” à região. O ponto básico para a política de desenvolvimento regional era a seca. Esta se transformou na base ideológica para tal. O debate acerca da questão Nordeste e especificamente da seca, no bojo do ideário do planejamento regional, forjaram mudanças estruturais no trato com o nordeste. (COSTA, 2003, p.2003).

Tudo isso, foi visto de forma concreta posteriormente na história dessa comunidade. A qual recebeu nome de Pitombeira, porque os primeiros moradores quando lá chegaram para trabalharem de “meeiros” nas terras do Major Saturnino, perceberam a existência significativa desta planta em meio à vegetação nativa, na qual predomina a caatinga hiperxerófila densa, própria do sertão dos cariris velhos, e, por conseguinte reflexo do clima semiárido.

Entre as espécies mais significativas, encontrávamos constantemente hoje nem tanto, devido ao desmatamento grotesco de longas datas, mas nos cursos dos rios e riachos é possível ainda apreciar a beleza das baraúnas, craibeiras, jurema vermelha e preta, quixabeiras, aroeiras, catingueiras e angicos de pequeno porte e em áreas mais altas próximo a lajeiros de pedras o xique xique, mandacaru, macambira, facheiros e a babosa.

Segundo a história oral e de acordo com Weil (2001, p.43), “conhecer o passado é exigência da alma humana”. Assim, os descendentes das primeiras famílias relataram que, essas espécies da flora nordestina, em especial as do Sítio Pitombeira, na década de 19, “parecia um pano verde em época de chuva, a mata era fechada, virgem como uma floresta densa, e na época da seca acinzentada, porém viva como nunca, bastava uma pequena chuva e tudo se transformava, tornando-se o tapete verde de outrora”, ou seja, as raízes dessa comunidade foram com o tempo se embrenhando, e se resguardando na memória coletiva. Assim,

O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana. É uma das mais difíceis de definir. Um ser humano tem raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro.

Participação natural, ou seja, ocasionada automaticamente pelo lugar, nascimento, profissão, meio. Cada ser humano precisa ter múltiplas raízes[...] (WEIL 2001, p.43).

È nas raízes que percebemos um sentimento profundo, um desejo de se sentir pertencente aquele lugar, aquela história, por isso, a memória coletiva deve ser sistematizada, pois segundo Jedlowski (2003):

Ela refere-se a um conjunto de representações sociais que têm a ver com o passado, produzidas, guardadas e transmitidas por um grupo pela interação com seus membros. [...] o que constitui propriamente uma “memória coletiva” [...] não é tanto o caráter comum dos seus conteúdos, mas o fato de que estes sejam produto de uma interação social, de uma comunicação que tenha a capacidade de escolher o que é importante e significativo no passado, em relação aos interesses e a identidade dos membros de um grupo.(JEDLOWSKI, 2003, p.225).

Nesse contexto, se formos refletir sob um olhar de gênero levando em consideração a vegetação do semiárido, concluiremos que a mesma se apresenta como um guerreiro e/ou guerreira diante das adversidades do clima. Pois, é possível dentro de um curto período nascer, crescer, frondar, florescer e armazenar água para garantir sua sobrevivência no período de estiagem.

No entanto, a pitombeira, advindo de outro bioma, também se destacava em meio a essas espécies nativas. E o seu nome científico é *Talisia Esculenta* é da família das Sapindáceas e sua origem é da Amazônia, mas pode ser encontrada em quase todo o território brasileiro. Sendo cultivada espontaneamente, possui de quatro a quinze metros de altura, tem copa frondosa, floresce de agosto a outubro e os frutos amadurecem de janeiro a março, e são produzidos em cachos.

Desse modo, percebi que em meio a essa vegetação, a pitombeira, planta que deu nome ao Sítio merece relevância no que se refere às questões de gênero, pois nela encontramos características que relacionamos ao ser feminino: os frutos são produzidos em cachos, demonstrando delicadeza na acomodação e eficiência na produção, atributos que são construídos através das relações sociais como sendo naturalmente indicadas para o sexo feminino, pois naquela comunidade, e nesse contexto histórico, destacariam também a prole, já que, muitos eram os filhos e filhas nas famílias daquela época.

Em meio a tudo isso, “a copa frondosa” da Talisia, a qual servia para acomodar e acolher a fauna da região é outra característica que atribuímos quando fazemos uma relação desta planta com o ser feminino, pois é notória entre as mulheres da comunidade a preocupação de acomodar e acolher bem seus hóspedes e visitantes. Nas festas de casamento, por exemplo, era comum a família da noiva preparar o banquete. Para Malvezzi (2007, p.33) “o sertão nordestino tem uma culinária específica ... uma alimentação de excelente qualidade... o paladar evoca a casa da mãe e nada parece ser mais saboroso... por onde anda, a população do semiárido costuma levar consigo os hábitos alimentares”. Por isso, o cuidado mesmo que de forma implícita em relação a alimentação de um modo geral.

Assim, nos dias que antecediam a uma festa de casamento, por exemplo, era motivo para as moças se embelezarem. A cacimba era o ponto de encontro, lugar onde lavavam as roupas, espaço onde conversavam sobre as raspas do juazeiro, da babosa, a qual era extraída para preparar o extrato que deixaria os cabelos macios e sedosos. A ocasião também era muito propícia para conversarem sobre os segredos amorosos, e as aspirações futuras, alimentando a imaginação e os desejos do corpo.

Para Malvezzi (2007, p.14) “a beleza rude da cena não pode ocultar o sofrimento imposto ao corpo. Submetidos a esse serviço desde criança, as mulheres carregarão na pele, a dureza de um trabalho repetitivo e pesado”.

Nesse espaço onde as primeiras famílias fixaram suas moradas, local de encontros e desencontros, permeavam as relações sociais e de gênero, essas terras pertenciam ao Major Saturnino, homem valente, de grande prestígio social, destacava-se na região por ser um grande proprietário de terra.

Essas propriedades foram doadas posteriormente ao Major Hugo Santa Cruz, homem destemido de pulso forte. Esse rigor masculino transpassava de modo natural de geração a geração e entre as décadas de trinta e quarenta essas terras foram deixadas de herança para Rodolfo Santa Cruz.

Assim, percebemos nesse contexto, que a evolução histórica do Sítio Pitombeira foi centrada num legado patriarcal, onde o homem por questões culturais sempre foi o destaque no meio familiar e social, independente de classe, por ser autônomo competitivo e rigoroso.

Entretanto, Rodolfo se destacava dentre os demais homens de sua família por apresentar comportamento diferenciado em relação às famílias de baixa renda, era um homem prestativo que gostava de ajudar as famílias necessitadas e menos favorecidas.

Assim, na década de cinqüenta essas terras foram desapropriadas em comum acordo entre o dono e o governo com o intuito de serem loteadas, para que os moradores pudessem viver num espaço de terra que fosse “seu”. Porém, o objetivo dessa desapropriação, não seria apenas para acomodar os meeiros, seria mesmo para a construção do açude público. Essa política de combate a seca se evidencia, pois,

os fatores que favoreceram a institucionalização das secas como problema Nacional podem ser destacados como sendo primeiramente a crise econômica nordestina, agravada pelas estiagem prolongadas; a organização política de um Estado voltado para atender aos interesses de determinados grupos sociais e a articulação política para carrear recursos para a região nordeste (FERREIRA, 1993, p.72-73).

Nesse sentido, as verbas federais foram inúmeras para atender a demanda da região, porém Ferreira (1993, p.127) ressalta que “a falta d’água, o alto índice de mortalidade, a emigração, a crise econômica são apenas agravadas com a falta de chuvas, e que a situação de pobreza existiam antes e depois dos períodos de seca”.

Nesse contexto o DNOCS Departamento Nacional de Obras Combate as Secas foi criado com o objetivo de “solucionar” os problemas hídricos da região, e foi assim que logo deram início a construção do açude público do município de Sumé-PB. Expressando conforme coloca Malvezzi as estratégias adotadas pelo Estado Brasileiro, visto que,

foram aproximadamente 70 mil açudes em todo o semiárido. Fundado em 1909 como Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS), depois Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), o órgão pretendia fazer o combate a seca, objetivo que hoje parece anacrônico, já que sabemos que ninguém acaba com fenômenos naturais, como secas, chuvas e incidência de neve. Mas a causa era

nobre, já que a população nordestina, sem rios perenes, mas tendo boa pluviosidade em todo o sertão, enfrentava o problema de não ter estoques de água em tempos de seca.” (MALVEZI: 2007, p.67).

Com essa ação percebemos a figura do homem revelada no papel do Estado e a visão que este tem sobre a seca no semiárido nordestino, como sendo aquele capaz de pensar e resolver todos os problemas, “demonstrando seu poder” e sua determinação perante o sexo oposto.

O homem por ser um sujeito racional e objetivo conforme afirma Sousa e Carvalho (2003, p.12) logo trata de estabelecer uma relação de poder perante a situação. Já que para GOMES (1998:84) “na seca se estabelece um intenso “comércio simbólico”, onde a chuva se transforma em sinônimo de abundância e a sua irregularidade ou ausência em privação.”

Nesse sentido, Farias e Pinheiro (2006, p.04) afirmam que:

as explicações para esse fenômeno da seca no nordeste era transmitido oralmente através do discurso de histórias que contava os horrores da seca como elemento para a cristalização das causas sobrenaturais, sejam eles, religiosos ou místicos para a explicação das secas, se constituindo num *corpus* de conhecimento muito rico em significados e significações, que passam a funcionar como respostas as angústias dos sertanejos. (FARIAS; PINHEIRO, 2006, p. 04).

Dessa forma, as relações sociais permaneciam enaltecendo os preconceitos, de tal forma que influenciavam negativamente a postura das mulheres, nesse contexto histórico, porque se deixavam levar por histórias que as amedrontavam, por serem “tolas e inocentes” conforme diz Sousa e Carvalho (2003, p.12) foram conduzidas involuntariamente a praticarem certas atitudes que as inferiorizavam perante o homem.

Só para ilustrar o contexto nessa comunidade, um exemplo dessas atitudes era com relação às visitas de posição social, pois eram recepcionadas pelo Major na casa grande, o qual permanecia em um ambiente exclusivo para a ocasião por representar luxo e poder. A senhora sua esposa era impossibilitada de vivenciar essas ocasiões. Principalmente se a visita fosse do sexo masculino, então, a esposa permanecia na cozinha juntamente com as criadas nos afazeres domésticos, porque o discurso estereotipado de muitos senhores donos de terra era esse mesmo, de que a mulher deveria permanecer na cozinha.

Essas relações impregnavam os comportamentos dessas mulheres, independente da classe social, já que tal postura perpassava até pelos estereótipos de cores, desse modo, os filhos deveria usar apenas cores fortes como o azul, e as filhas o rosa, ou cores brandas que demonstrassem sensibilidade, fragilidade inferioridade. O patriarcalismo é caracterizado nesse contexto histórico, como sendo um elemento que reforçava através dos comportamentos o modelo de desenvolvimento hegemônico instituído no semiárido.

Nesse sentido, permaneciam as relações sociais enaltecendo os preconceitos, onde os meninos que brincavam de carrinho também alimentam os animais, lidava com os serviços braçais (agricultura e pecuária) de modo que brincavam e trabalhavam ao mesmo tempo sem ser uma imposição por parte dos irmãos mais velhos ou do pai. Mas mesmo sendo criança e ou adolescente, já se conduzia os corpos masculinos a se comportarem dessa forma e essa conduta deveria ser repassada para as demais gerações masculinas através das ações repetitivas ao longo do tempo.

Nesse sentido, Sousa e Carvalho (2003, p.12) afirmam que as relações de gênero são construídas de acordo com a cultura de cada povo e grupo social, impostas a partir do nascimento, ou seja, explicitamente e de modo natural os estereótipos masculinos são alicerçados para legitimar os comportamentos agressivos, competitivos, para se apresentarem como sendo fortes, corajosos, empreendedores e ativos.

Já as meninas brincavam de boneca, alimentavam as galinhas, recolhia os ovos, no cotidiano de seus afazeres, ao mesmo tempo em que, se divertiam também trabalhavam. Porém, os símbolos utilizados nessas brincadeiras se tornavam posteriormente em responsabilidades, quando adultas eram realizadas naturalmente atrelados aos afazeres domésticos junto às irmãs mais velhas e a mãe, responsável pela ordem doméstica e pelo bem estar de todos e todas na família, a qual alimentaria e aperfeiçoaria os dotes dessas meninas para se casarem posteriormente.

Isto implica dizer conforme Sousa e Carvalho (2003, p.12) que os estereótipos femininos apresentam-se como sendo o oposto do masculino, ou seja, a mulher internaliza a construção de um modelo feminino que leva em consideração a sensibilidade, a ternura, dentre outros que

culminam por inferiorizar o sexo feminino perante o masculino, instituindo assim, o mundo do homem e o mundo da mulher.

Sendo assim, a jovem senhorita seria preparada para assumir a posição de senhora, administradora do lar e dos afazeres domésticos, a profissão do lar foi muito difundida entre as senhoras da comunidade mesmo exercendo as funções de agricultora, costureira artesã em determinadas ocasiões.

Entretanto, outra profissão com a de professora, por exemplo, só poderia exercer se a candidata fosse de família. Soubesse ler e escrever tivesse bons modos e jeito com as crianças, já que naquela época entendia que para exercer a profissão bastava isso, com um adendo depois que casasse, pois estaria com mais experiência no cuidar das crianças.

2.1 CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE

A comunidade está localizada no espaço territorial rural do município de Sumé. Inicialmente Sumé foi denominada São Tomé, em função do rio de mesmo nome que cortava a Vila. No início do século, se destacou pelas fazendas de gado e pela passagem obrigatória dos tropeiros. O mesmo possui uma área 843,2 km², e situa-se na microrregião dos cariris velhos, a uma distância 230 km da Capital João Pessoa, no polígono das secas, no semiárido do cariri paraibano, esta cidade limita-se com os municípios de Amparo (20 km), Prata (22,5 km), Monteiro (32 km), Congo (28 km), Serra Branca (32 km).(Referências)

O acesso a comunidade do Sítio Pitombeira se dá através da BR 412 no sentido Sumé/Monteiro no Km 114 encontra-se a entrada para a qual todos (as) se destinam quando procuram este espaço que fica a 12 km da sede do município.

A comunidade do Sítio Pitombeira é hospitaleira, as famílias são receptíveis, características que vem sendo resguardadas desde sua origem. Entretanto, dentre essas a família “Messias” se destaca por ter elementos que comungam com a memória, (história local) e com as questões de gênero, fruto da pesquisa, sobre a qual discorre esse trabalho.

Nesse sentido a família Messias teve sua origem com a união em matrimônio do Senhor Suplício Messias de Oliveira e Maria José de Oliveira. Este homem era descendente de português, chegou à comunidade na década de 19 para trabalhar e morar nas terras do Major Saturnino, nesse universo ele conheceu esta que seria sua esposa, esta mulher era afilhada de criação do Major, morava na casa grande, sede da fazenda na comunidade do Riachão.

Dessa união nasceram 11 filhos(as), 7 mulheres e 4 homens são eles: Joana Alves Maciel, Angelina Alves Maciel, Ernesto Oliveira da Costa, Deograço Messias de Oliveira, Severino Messias de Oliveira, Luis Oliveira da Costa, Josefa Alves de Oliveira, Sebastiana Alves Maciel, Guilhermina Alves Maciel, Tarsila Alves de Sousa e Natalícia Alves Maciel.

O sobrenome Messias foi herdado do bisavó, e foi passando de geração a geração e assim permaneceu, as Messias ficaram conhecidas porque eram 7 moças, das quais 3 casaram, porém só duas viveram com seus maridos a terceira nunca morou com o seu esposo.

Conforme relata a sobrinha, o rapaz foi prometido a ela, pela família, quando ainda era de colo. Ele cresceu e durante a guerra do Brasil com o Paraguai, muitos jovens foram convocados para servir ao exército, e ele foi um. Porém, existia um acordo que se o jovem fosse casado, pai de família seria substituído por meio de apadrinhamento dos latifundiários da região para com o Estado (através da pessoa responsável por recrutar esses jovens). Sem mais delongas, as famílias organizaram o casamento. Eles casaram na Igreja Matriz da cidade de Monteiro-PB. Isso reflete a maneira como eram tratadas as relações afetivas na sociedade patriarcal, pois conforme SOUSA e CARVALHO (2003:13) “ *na família patriarcal os filhos e filhas devem sempre obediência ao pai, não assumem os seus desejos nem opinam sobre o seu destino*”.

Assim, a comitiva de ambas as famílias foram a cavalo, após o casamento, o banquete foi na casa da noiva, conforme a tradição e os costumes. Porém, o rapaz voltou para a casa dos pais e foi para o Recife servir ao exército, não foi para a guerra, mas ficou prestando serviço por um longo tempo e quando voltou não procurou mais a esposa. Ele terminou seus dias de vida na cidade do Rio de Janeiro, onde constituiu uma família com cinco filhos e nunca mais a procurou. Ela ficou a vida inteira esperando ele voltar, e quando soube de sua morte, vestiu preto durante um ano, em sinal de luto.

Essa senhora permaneceu na casa dos pais juntamente com as 4 moças que nunca tiveram relacionamento nenhum, constituindo as 5 “moças velhas¹”, as famosas Messias do Sítio Pitombeira.

Conforme relata a sobrinha Vilma Alves de Oliveira, filha de Josefa Alves de Oliveira, irmã das “moças velhas”. Elas eram muito dedicadas à religião católica. Angelina era catequista e costureira, era quem fazia os vestidos de noiva para as moças prometidas em casamento da região; Sebastiana fazia trabalhos manuais (capelas, grinaldas, buquês, bordava, organizava o enxoval dos casamentos); Joana também fazia trabalhos manuais, mas ligados a religião, terços e rosários, os quais eram construídos com sementes da região. Natalícia era a cozinheira e Guilhermina, a fazendeira, era uma mulher decidida, guerreira, não tinha medo de nada, cuidava dos animais igualmente a um homem, nada era difícil para ela. Ela tinha muitas criações de bode, o sustento de todas advinha dessas criações e do roçado, do leite elas faziam o queijo, e da roça, além do milho e do feijão, as frutas, verduras e legumes. Assim,

os valores na família patriarcal são consolidados levando em consideração os do pai e depois os da mãe, através do processo de identificação. Por exemplo, a criança aprende que as tarefas domésticas são de total responsabilidade da mãe, coisa de mulher, vivendo isso como realidade no seu cotidiano (SOUSA; CARVALHO, 2003, p.13).

Assim, elas conservavam essas posturas e também o pomar e a horta durante o ano todo, para o consumo próprio e para quem precisasse na comunidade. Pois sempre que alguém adoecia, elas socorriam a família do enfermo, para que este pudesse ter uma alimentação melhor, sempre prestativa, nunca negavam alimento a ninguém.

Se formos refletir sob um olhar de gênero, nesse contexto, perceberemos que as características do cuidar, do preservar, e do ser prestativa, são posturas adotadas no meio social para reforçar os papéis diferenciados para a mulher e para o homem e Sousa e Carvalho (2003) revela que:

O sistema de papéis sociais e de identidades diferenciadas começa na família, penetra e se instala na educação escolar, definindo e reforçando as relações de gênero. Essas relações desiguais se produzem na igreja, no trabalho, nos vários

¹ Mulheres, de idade avançada, solteiras que nunca foram casadas.

espaços e práticas sociais, reforçando a submissão feminina. (SOUSA; CARVALHO, 2003, p.11).

Desse modo, a postura adotada por essas moças era sempre as mesmas num movimento constante, desvelando assim, a inferioridade feminina naquele contexto histórico. No tanto, em relação às aspirações individuais de cada uma, o relato foi descrito assim:

Elas contavam que o pai era uma pessoa muito controladora, possessiva, elas não saiam de casa sozinha, quando saiam era para uma festa de casamento acompanhada dos pais e não podiam se divertir, dançar nem pensar. Em meio a essas festas Joana arrumou um pretendente, mas meu avô dizia que esse namoro não dava certo. Isso era cada um na sua casa, nunca se encontraram para que todos pudessem ver. Depois de muitas reclamações o namoro foi desfeito, em sinal de obediência ao pai, ela findou como moça solteira. Já Josefa, minha mãe, era noiva de um rapaz que meu avô gostava muito, mas quando estava bem perto do casamento, ela acabou o noivado deixando uma carta para entregar ao noivo com Severina de Paulo, uma senhora vizinha deles. Por ter desobedecido ao pai decidiu ser freira, ficou no convento por muito tempo, aprendeu todos os dotes femininos e trabalhos manuais. (Vilma)

Para Jedlowski (2003, p.2) esse contexto, refere-se a “memória comum” que ele descreve como sendo “*banal*” ou sem muita importância.

Entretanto, faz parte desse estudo, explorar a memória coletiva da família Messias, a qual revela os valores da família tradicional, na qual as relações são desiguais e hierárquicas conforme afirma SOUSA e CARVALHO (2003:13). Isso fica confirmado no seguinte relato:

Josefa quando estava bem perto de se tornar freira, deixou o convento e foi para o Recife, lá ela casou com um militar “meu pai”, ele morreu, eu tinha 4 anos e bem próximo de completar 5 anos, minha mãe morreu, e eu fui criada por essas 5 moças solteiras. Elas me tinham como se eu fosse filha, elas viviam sempre juntas, muito unidas, dividiam as tarefas, não tinha desavenças entre as mesmas. (Maria)

Nesse sentido, o comportamento delas perante a família era de admirar, sempre amáveis, carinhosas, bondosas, cuidava dos sobrinhos (as) afilhados(as) com toda satisfação. A condição econômica permitia, pois elas tinham a casa da farinha, o engenho, então, tudo que era produzido para o sustento, era muito farto. Porém, tudo separado, cada uma tinha um quarto com porta na

chave, uma mala bem grande, na qual guardavam seus pertences, dentre todas Guilhermina era a mais segura, tinha as melhores roupas, os melhores calçados, mas ninguém tocava somente ela. De acordo com a memória, os relatos orais forão descritos assim:

Joana era a mais ligada a Igreja, gostava de freqüentar as missas na Paróquia de Sumé, mas quando vinha era um tormento, pois não tinha onde se hospedar e sempre incomodava as amigas, os parentes, o que para ela era um absurdo. Foi quando ela pediu ao tio Gregório Messias para vender parte de seus animais, com o intuito de comprar uma casa na cidade, ele foi curto e grosso “quem compra casa na cidade é uma rapariga”, moça sem prestígio. Ela não se intimidou, com o comportamento do tio e recorreu a Inácio Messias, irmão de Suplício Messias seu pai para vender os animais, e assim, ela pode comprar a casa próxima a Igreja Matriz de Sumé, como queria para maior conforto e comodidade durante esse tempo. Dentre elas Sebastiana era a mais reprimida, resignada, terna e sensível, nunca se banhava de pé, para que ninguém pudesse ver seu corpo, era sempre de cócoras, ninguém entrava em seu quarto, estava sempre muito quieta e calada. (Maria).

Com relação ao comportamento delas perante a comunidade, os relatos informam que elas eram muito prestativas, servidoras, não gostavam de magoar ninguém, as pessoas mexiam muito nos seus pertences, furtavam galinhas, criações de bode, frutas, mas nunca elas foram se confrontar, tomar satisfação. Eram também muito organizadas e limpas no leito do rio elas cavavam as cacimbas e colocam uma espécie de caixote de madeira com tampa para proteger água da urina e ou dejetos de animais de um modo geral. Uma estratégia de convivência com o semiárido para elevar a qualidade de vida e prolongar a boa saúde, já que naquela época o acesso ao serviço de saúde era muito difícil e precário.

Nesse sentido, Malvezzi (2007, p.117) “coloca que essas cacimbas escavadas normalmente no leito dos rios são pouco profundas e apresentam pequena vazão de água, geralmente abastecem apenas famílias e os pequenos animais, além de pequenas plantações”.

Essa prática de escavar cacimbas no leito do rio era comum na comunidade, praticamente em todos os lotes tinham esses reservatórios de água, os quais não duravam muito tempo devido à evaporação.

Ainda no contexto da família Messias os relatos informam que Tarsila foi professora no grupo escolar Major Saturnino, na década de 70 na gestão do Senhor Prefeito Newton Leite

Rafael, ela gostava de ser professora, mas reclamava muito dos meninos, dizia que tinha mau comportamento, diferente da educação que ela tinha recebido de seus pais. Pois, segundo SOUSA e Carvalho, (2003, p.13) “esse comportamento do sexo masculino foi construído historicamente através das relações sociais como sendo indicado e aceito de modo natural.

Segundo Bernardo (2000, p.30), “o educador deverá se conscientizar de que é preciso construir junto aos estudantes no cotidiano escolar ações educativas não estereotipadas e não sexistas para trilhar no caminho das transformações sociais”. Para isso, a professora deveria se apropriar do conhecimento, no entanto, as condições não permitiram, mas Tarsila era batalhadora, ela sonhava em crescer, estudar, ter diploma, porém realizou o sonho sendo professora leiga, algo muito comum na região do cariri paraibano, naquele contexto histórico. Na época a sobrinha estudava, Sebastiana sua irmã era quem levava e buscava na escola, seu lanche era preparado com dedicação (caldo de cana com fúba e orelha de pau, espécie de bolo, a água era posta numa quartinha revestido de tecido rosa, para diferenciar dos meninos).

Para Sousa e Carvalho (2003, p.10), “a cor rosa simboliza a graça, a suavidade e a quietude, características que são apontadas socialmente como sendo referentes ao ser feminino”. Os estereótipos de cores é algo muito consolidado nas relações sociais porque simbolizam um mundo binário para meninos e meninas.

Retomando o que discorrem os relatos, depois da bonança, vieram às tribulações, morreram respectivamente, Major Saturnino, Major Hugo, os pais dos/das Messias e Rodolfo também. As terras em que elas moravam tinham sido doadas verbalmente como sendo presente de casamento do Major Saturnino para a mãe delas, Maria José, mas o herdeiro de Rodolfo, José Torres seu filho, entrou com uma ação na justiça para tomar as terras de volta, pouco mais de 100 hectares e conseguiu, depois de mais de 75 anos em que elas moravam nessas terras, foram pegas de surpresas recebendo a ação de despejo, e ficaram apenas com o lote de terra na bacia do açude público de Sumé e a casa na cidade, na qual vieram morar, onde começaram adoecer de depressão, angústia, porque viviam bem, economicamente, para a época, possuíam rádio, vitrola, a água da casa se dava através de cata ventos e tudo isso foi tirado bruscamente, psicologicamente foram muito abaladas, eram mulheres ativas no espaço rural e na cidade ficaram sedentárias e foram morrendo. Porém, até mesmo com a morte elas tinham cuidado, pois

segundo os relatos Angelina guardava seu caixão no armazém de casa, era branco revestido de veludo branco e a mortalha era toda bordada.

Esse cuidado, que aos olhos de muitos parece ser estranho. Nessa família era algo muito natural, porque eles(as) achavam que ser enterrado em redes era ser descuidado com o corpo após a morte. Já que, naquela época não se tinha caixões para vender, quando morria alguém essa peça era construída durante toda a noite e nem sempre tinha as condições favoráveis para tal fabricação.

Os(as) Messias tiveram uma importância muito grande para a história do Sítio Pitombeira, eles (as) fundaram a comunidade, juntamente com as outras famílias que viveram na época. No tempo em que a mata era fechada, depois que o DNOCS loteou a mata se foi com as queimadas e o desmatamento desenfreado para a construção do açude e a divisão se fez presente em tudo, conforme relato bom era no tempo em que não existiam porteiras.

Desde, então no decorrer dos anos as famílias foram crescendo, sempre muito numerosas, os rapazes na maioria das vezes se deslocavam para a região sudeste com o intuito de buscar melhores condições de vida, porque culturalmente foi incutido no imaginário dessas famílias que este lugar não era viável para permanecer. Assim, muitos jovens saíram dessa região para viver nos subúrbios das grandes cidades, dando origem a muitas favelas, menosprezando os valores e as potencialidades da região, essa postura foi vivenciada por muitos, os irmãos mais velhos levavam também os mais jovens, numa peregrinação infinita. Assim,

a sociedade patriarcal é caracterizada por injustiças sociais, pobreza, opressão e discriminação, precisamos transformar esse modelo de sociedade que atribui valores ao masculino com sendo maiores do que aqueles definidos para o feminino. (SOUSA; CARVALHO, 2003, p.26).

Esse comportamento era ressaltado de modo natural, porque olhávamos a realidade sobre uma lente cultural, e hoje sabemos que não se pode transformar uma realidade com as mesmas verdades. É preciso compreender de forma sistematizada os aspectos históricos do semiárido nordestino, e em especial os do sítio Pitombeira, para perceber os interesses que permeavam a classe dominante, os latifundiários, detentores do poder econômico político e social, na região,

como também nessa comunidade. Hoje, percebemos que o processo histórico no semiárido foi construído na contradição dos interesses entre os povos, quem não se adequava a esse modo de viver, mesmo de modo inconsciente, buscava realmente outras opções, para viver pior ou nas mesmas condições de vida dos que aqui permaneciam.

Nesse sentido, os homens por serem culturalmente mais independentes se aventuram em busca de outras opções, diferentemente das jovens que permaneciam na região, e em especial as da comunidade do sítio Pitombeira. Essas moças, geralmente criavam os irmãos mais novos e se dedicavam aos afazeres domésticos, muitas vezes a espera de um desses jovens na esperança de casar e ter uma prole conforme tantas outras de seu contexto histórico.

Com o passar do tempo, principalmente na última década percebemos uma mudança em relação a esses comportamentos, o número de filhos (as) por casal está bem reduzido. Já não estão saindo tanto para outras regiões com em outrora, percebemos de modo sutil uma mudança de concepção, de valores em relação à questão de se sentir pertencente a esta comunidade, a esta região.

Hoje, a comunidade conta com 50 domicílios de alvenaria, e 154 habitantes entre crianças, jovens, adultos e idosos(as). Todos os(as) idosos(as) são aposentados(as) provenientes da agricultura familiar de subsistência, a qual durante um longo período foi manipulada através de estratégias que não condizia com o princípio da sustentabilidade ambiental. Por isso, a prática das queimadas, e do desmatamento era constante entre eles.

Com o propósito de se organizar enquanto comunidade para viabilizar os projetos individuais e coletivos, foi fundada em maio de mil novecentos e noventa e um a Associação dos moradores e usuários da Bacia do açude de Sumé-PB (AMUABAS).

A ideia surgiu com a necessidade de melhorar as condições de vida do homem e das mulheres do campo, valorizando as suas raízes e as possibilidades de viver com dignidade permanecendo na comunidade.

Os sócios fundadores José Bonifácio, José Batista, Josimar Barros e Joel Viana, então vereador na época, mobilizaram a comunidade e no dia 23 de maio 1991 formalizaram a

associação com a presença de 61 membros da comunidade, os quais participaram da reunião e elegeram para presidente o senhor José Batista de Lima.

O homem por ser culturalmente mais ativo e esperto se coloca em posições de maior destaque mediante o grupo social do qual está participando porque manipula atenção e a interação dos que o rodeiam. Para Sousa e Carvalho, (2003, p.16) “esse diferencial se transforma em hierarquia justificada pela maior valorização das qualidades masculinas.”

Isso demonstra que os homens na comunidade detêm o poder de articulação porque nos anos subseqüentes foi organizado o estatuto da associação e aprovado, o direcionamento da associação passou a ser conduzidos por esse documento. Os membros contribuem desde então, com uma quantia em dinheiro, a qual é revertida para a construção e organização da sede dos associados, com o objetivo de acomodar melhor os membros durante as reuniões, além de servir para entretenimento da comunidade, já que com certa frequência é realizada cantorias, aniversário e etc.

Nesses 20 anos de associação, muitas ações foram desenvolvidas com o intuito de melhorar a vida do homem e da mulher do campo, dentre elas poderíamos destacar: aração de terra no período chuvoso para o plantio, coleta de milho mecanizada, construção das cisternas de placa ou de bica, poços artesianos, banheiros populares etc. Para Malvezzi (2007):

essas tecnologias sociais, a exemplo das cisternas tem um impacto positivo para as populações rurais do sertão nordestino que sofrem com a falta de água potável. Tudo isso, reflete na saúde da família, alivia o trabalho feminino de buscar água e produz maior independência em relação ao carro pipa, quando bem administrada, tem mudado a qualidade de vida das famílias do semiárido. (MALVEZZI, 2007, p. 107).

Esse impacto é notório também na comunidade do sítio Pitombeira, onde nos domicílios que tem a cisterna reflete o bem está da família e mais comodidade, melhorando significativamente a qualidade de vida, já que, na comunidade atualmente, existem 41 poços artesianos e 50 cisternas de placa. Ações que foram desenvolvidas através da associação com o intuito de melhorar a qualidade de vida e conviver no semiárido fazendo uso das tecnologias sociais, pois de acordo com Malvezzi:

Mais de quarenta tecnologias sociais estão sendo desenvolvidas e implementadas, obedecendo à lógica de convivência com o Semi-Árido. O segredo é captar a água nos períodos chuvosos, guardá-la em reservatórios hermeticamente fechados e usá-la nos momentos em que não chove. Com menos pluviosidade, teremos que aperfeiçoar as técnicas de captação e de isolamento da água em relação à luz do Sol. Quanto mais rapidamente essas políticas forem implantadas, mais chance a população sertaneja terá de enfrentar a mudança climática. (MALVESI, 2007,p.78).

O reflexo dessas ações no contexto, da associação vem se confirmando através do crescente número de associados, hoje existe cerca de 100 membros, desse total 65% deles são do sexo masculino e 35% são do sexo feminino. Isto implica dizer que desde sua fundação até os dias atuais, predomina os comportamentos e ações que refletem a liderança, liberdade, independência, empreendedorismo, confiança e determinação, os quais foram ao longo do tempo, instituídos no meio social como sendo recomendados para o ser masculino. Por traz desse descortinamento, aconteceu implicitamente à influência política do vereador Joel Viana, na fundação desta associação, o qual teve uma contribuição muito significativa para legitimar o “poder” de comando e articulação dos homens perante as mulheres desta comunidade.

Porém, não quero com esse discurso buscar um culpado para essa conjuntura, na qual estão presente as relações sociais, apenas estou refletindo sobre os papéis atribuídos socialmente para o ser homem e o ser mulher, e afirmar que atualmente as mulheres vêm se destacando na condição de líder nas mais diversas ocasiões e posições para as quais forem designadas. Os 35% que representa o universo feminino nesta associação é uma forma de perceber o crescimento da presença feminina em tais espaços de discussão social.

2.2 CARACTERIAZAÇÃO DA ESCOLA

A UMEIEF Rodolfo Santa Cruz foi criada pelo decreto lei nº 299/73 na gestão do Senhor Prefeito Newton Leite Rafael e regularizada através do decreto lei nº 328/91, na gestão do Senhor Francisco Duarte da Silva Neto.

Esta unidade de ensino recebeu na década de 60, primeiramente, o nome de Major Saturnino, quando o espaço foi ampliado no ano de 1978 na administração do Senhor Leonardo Guilherme d'Oliveira Santos, acharam por bem prestar uma homenagem aquele que doou com presteza as terras para a construção desta escola, a qual passou a se chamar Grupo Escolar Rodolfo Santa Cruz uma homenagem merecida, já que o mesmo gostava de ajudar os menos favorecidos.

É uma instituição limpa de boa aparência, constituída por duas salas de aula, uma cantina, dois banheiros e uma área de lazer e recreação aberta precisando de reparos.

Entretanto, na própria estrutura física da escola, encontramos mensagens vinculadas através de desenho que estão presentes nas paredes e que chamam atenção pelos traços, pois são desenhos que representam feminilidade. Tal fato conduz a uma leitura inconsciente do ambiente feita por aqueles que integram a instituição no sentido de reforçarem os estereótipos. A escola é apresentada como uma instituição de continuação do universo familiar onde a “mamãe decora e embeleza, sendo que na escola tal responsabilidade passa a fazer parte das atribuições da “professora”.

Desse modo, o magistério era visto como uma extensão da maternidade, o destino primordial da mulher. Cada estudante era representado como filho ou filha espiritual e a docência com um atividade de amor e doação á qual acorriam aquelas jovens que tivessem vocação (LOURO, 1997, p.451).

Nesse sentido, o propósito desse embelezamento deve ser questionado, creio que não seja apenas para deixar a escola mais organizada ou com boa aparência. Considero que essa ornamentação é justamente para confirmar a feminização do magistério e preparar o sexo feminino para as tarefas que envolvam tais comportamentos, pois a mulher é aquela considerada culturalmente como sendo a pessoa mais indicada para organizar ambientes, e, é aquela que pensa em todos os detalhes.

É por isso, que desde cedo intrinsecamente às meninas internalizam esses momentos visuais e quando adultas os reproduzem em diversos momentos e ocasiões de suas vidas, como por exemplo: decorar a casa, o quarto, o ambiente de trabalho, festa de aniversário, casamento... esquecendo muitas vezes a busca pelas curiosidades científicas.

Não quero invalidar a importância da decoração encontrada nesta sala de aula (menina, ursinho colados na parede, florzinha pintada no varal das atividades), questiono apenas o tempo gasto neste processo em detrimento da busca do saber, já que enfeite, decoração, não significa sinônimo de letramento.

2.3 CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO ESCOLAR

O corpo docente da instituição desde sua fundação até hoje foi composto praticamente por mulheres, apenas um homem lecionou por pouco tempo na instituição, isto significa afirmar que sempre existiu “feminização do magistério” no Sítio Pitombeira.

Diversos fatores contribuíram para isso, o primeiro deles está ligado ao cuidar da criança, o jeito de lhe dá, como se a professora fosse uma extensão da mãe. Outro seria a dedicação e a paciência, presente nos comportamentos e nas atitudes das mulheres, mães e professoras dessa comunidade, legitimando assim, a entrada e a permanência da mulher na escola. Entretanto Louro, (1997:467) diz *que* “a professora deveria ter essas características, porém precisariam impor sua autoridade, ter controle de classe, indicadores de eficiências no sucesso da profissão docente.”

Assim, as educadoras exerceram um controle sobre a explanação, postura, comportamentos, vestimentas e atitudes comumente passivas para com o sistema educacional e ao mesmo tempo, autoritária para com a formação dos demais, já que as futuras professoras não deveriam fugir das regras estabelecidas culturalmente.

Nesse contexto, a propulsora da educação formal na comunidade foi Maria Ana, aos dezoito anos de idade, mulher guerreira, destemida, olhar firme, pulso forte e ao mesmo tempo, calma e paciente, um exemplo de professora, a qual com o seu trabalho conseguiu formar na antiga 4ª série inúmeros estudantes que a tinha como um espelho, um reflexo positivo, e com o passar do tempo eles e elas enveredaram pelo caminho da educação, se tornando posteriormente excelentes profissionais da área, são elas e eles: Josefa Paulino, Maria Odete, Joselma da Silva,

Clara Lucivânia, Maria Liliana, Maria Aparecida, Iraneide, Sandra Lusía, Denise Batista, Sandra Maria, Josean e Josimar.

Fruto de um trabalho que foi passando de geração para geração, algumas ex-alunas foram indicadas pela Senhora Maria Ana a exemplo de Josefa Paulino para assumir uma turma por ser segundo ela: “uma aluna muito dedicada, obediente e estudiosa”.

Desde sua fundação até hoje foram professoras nesta unidade de ensino: Maria Ana, Maria Odete, Eunice Batista, Josefa Paulino, Maria de Artur (In Memória), Sebastiana, Clara Lucivânia, Josimar e Maria Liliana, a qual está atualmente como docente na instituição com uma turma multisseriada.

Em relação ao corpo discente a escola conta com 19 estudantes matriculados da educação infantil ao 5º ano do ensino Fundamental, o número de estudantes do sexo feminino matriculado é maior do que o masculino, porque são 13 meninas e 06 meninos. Isto implica afirmar que naturalmente nascem mais meninas do que meninos na comunidade, conseqüentemente a presença feminina na escola torna-se superior, e isso deve propiciar uma prática pedagógica não estereotipada. A respeito, SOUSA e CARVALHO, (2003:20) ressaltam que: a escola, no seu papel transformador, através do trabalho pedagógico de suas professoras pode ajudar muito a equilibrar as relações entre meninos e meninas, mudando, por conseguinte a sociedade.

Por isso, precisamos que as professoras dessa comunidade trabalhem as relações de gênero com seus estudantes, levando em consideração as memórias registradas e a realidade sociocultural da região, já que o patriarcalismo foi muito evidente na construção das relações sociais dessa comunidade.

Para tanto a equipe pedagógica que está centrada na Secretaria de Educação, pode contribuir em suas visitas a unidade de ensino com ações que possam garantir a reflexão da temática em questão. A mesma é composta por cinco pedagogas que estão na função de coordenadora pedagógica e duas orientadoras educacionais, porém apenas uma coordenadora acompanha pedagogicamente a instituição.

Portanto, as memórias revelaram ao longo do tempo que a construção da identidade de gênero foi pautada na superioridade do masculino em detrimento do ser feminino. Porém cabe a

escola enquanto instituição formal vivenciar uma releitura das posturas adotadas para ambos os sexos como sendo “natural” e propiciar vivências não estereotipadas com o intuito de promover a igualdade de gênero.

3 COMPREENDENDO O PROCESSO METODOLÓGICO

*“Foi o caminho, não que eu tracei para mim,
mas que minha caminhada traçou:
Caminhante, não há caminho,
o caminho se faz com o caminhar”.*
(Edgar Morin)

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

As ações e discussões deste trabalho tiveram como eixo norteador as histórias, as lembranças, as experiências, e as vivências das ex-professoras e professoras do campo, bem como, algumas pessoas da comunidade. Para Freixo e Texeira (2005:12):

Reconhecer os relatos como fonte privilegiada na construção da história significa colocar no centro da cena homens e mulheres comuns, anônimos, quase sempre invisíveis que tecem caprichosamente uma multiplicidade de relações que ultrapassam as gerações. (FREIXO; TEXEIRA, 2005, p.12).

Nesse sentido, foi possível apreender todas as informações relevantes no processo de investigação para a elaboração desse trabalho. Porque trilhamos no caminho construído pela memória, fazendo-a ressurgir através das indagações, inquietando os sujeitos da pesquisa, no sentido de relembrar aquilo que foi considerado importante na memória individual e coletiva dos que fazem a comunidade do Sítio Pitombeira.

A finalidade desse estudo constituiu numa investigação da concepção das ex-professoras e professoras que viveram as experiências da docência no campo e que ainda exercem atividades em escolas rurais. Tudo isso, com o objetivo de analisar nas histórias de vida das ex-professoras e professoras, como a construção da identidade de gênero se fez presente na docência rural, levando em consideração as ações educativas, os comportamentos e as atitudes do ser docente no semiárido rural do cariri paraibano.

Nesse sentido, a história oral dessas protagonistas forma o que consideramos história de vida profissional, lembranças significativas de sua trajetória enquanto docente, as quais foram relatadas e compartilhadas para ser sistematizada a luz das teorias.

Para tanto, a pesquisa foi aprofundada dentro de uma abordagem qualitativa, porque consideramos na pesquisa social, como sendo aquela mais adequada para desvelar as informações apanhadas durante o processo.

Desse modo, foi possível descrever as lembranças e as experiências, tomando como base as categorias de memória e gênero e a partir desse contexto, foi possível sistematizar a percepção das ações educativas, dos comportamentos e das atitudes do ser docente neste espaço. Para Portelli (1997),

A história oral, na pesquisa qualitativa, nos diz que é a subjetividade do expositor que fornece às fontes orais o elemento precioso que nenhuma outra fonte possui em medida igual. A história oral, mais do que sobre eventos, fala sobre significados; nela, a aderência ao fato cede passagem à imaginação, e ao simbolismo. (PORTELLI, 1997, p.137).

Contudo, é relevante ressaltar que no processo de investigação, os dados estão presentes no ambiente natural, no qual as informações foram obtidas no contato direto com os sujeitos, os quais discorreram para que no momento oportuno essa descrição fosse transformada em novos conhecimentos.

Por isso, está presente no ambiente da pesquisa é importante para o pesquisador(a) porque o contexto revela compreensões, que possivelmente não seria evidenciada, ou teria dependendo da ocasião comprometida ou perdido o seu significado.

Nesse sentido, Minayo (2006, p.61) afirma “que o trabalho de campo permite a aproximação do pesquisador(a) da realidade sobre a qual investiga, estabelecendo uma interação com os “atores”, assim, constrói um conhecimento empírico importantíssimo para quem faz pesquisa social.

Com esse mesmo pensamento, Rampazzo (2002, p.60) afirma que a pesquisa qualitativa “valoriza o ser humano”, por isso, é levado em consideração os aspectos psicológicos e emocionais durante esse processo de investigação.

Para tanto, esse estudo teve como base metodológica a pesquisa ação participante, a qual segundo Tozani Reis,

é uma modalidade de pesquisa que trás consigo os desafios de pesquisar e participar investigar e de educar articulando teoria e prática vivendo, portanto, a pedagogia da práxis, sistematizando nesse processo as ações e as relações humanas. (TOZANI REIS, 2005, p. 19).

Portanto, o processo de investigação é muito importante. O pesquisador(a) reflete percorrendo esse caminho, com o intuito de compreender o contexto do fenômeno pesquisado a partir da interação que existe entre teoria e realidade. Possibilitando assim, o entendimento de vozes caladas pelo tempo, ser mulher e ser professora, no contexto rural, propiciou a compreensão das identidades construídas nesse espaço tão singular.

3.2 UNIVERSO DE ESTUDO

A pesquisa foi desenvolvida na zona rural do Sítio Pitombeira, município de Sumé –PB. Essa comunidade situada no semiárido brasileiro foi fundada na década de 20 por sertanejos e descendentes de portugueses, os quis vieram para morar e trabalhar nas terras do Major Saturnino.

Com o passar do tempo as famílias foram crescendo, surgindo assim, a necessidade de ter um espaço de educação formal para as crianças. Entretanto, faltavam professoras que pudessem contribuir para consolidar o ensino e aprendizagem. Nesse sentido, somente na década de 60 foi possível iniciar esse trabalho, com a presença da ex-professora, hoje aposentada, a Senhora Maria Ana da Silva, a qual se tornou um marco na educação da comunidade do Sítio Pitombeira.

Por isso, o foco desse estudo foi memórias docentes e identidade de gênero de ex-professoras e professoras da UMEIEF Rodolfo Santa Cruz, instituição que atende atualmente cerca de 19 estudantes distribuídos nas modalidades de educação infantil e ensino fundamental no turno matutino. Essa instituição foi inaugurada na década de 60 e a organização do espaço físico

será descrito a seguir: a escola possui duas salas de aulas, dois banheiros, uma cantina, e uma pequena almoxarifado e duas profissionais atuam nesse espaço, uma auxiliar de serviços gerais e a professora.

A filosofia atual da escola é pautada na pedagogia de Paulo Freire, a qual leva em consideração o aprimorar dos conhecimentos, partindo da realidade local para atingir a global. A prática pedagógica é vivenciada de forma contextualizada, buscando nesse processo apresentar as potencialidades da região, desmistificando, assim, o conceito da seca no nordeste, o qual foi durante muito tempo incutido no imaginário de muitos nordestinos(as) como sendo um lugar sem perspectivas de vida.

Essa conclusão foi obtida a partir das observações em sala focando o desenvolvimento das aulas e o transcorrer das atividades e mediante o registro de aula no diário de classe.

Nesse contexto, os sujeitos da pesquisa foram ex-professoras e professoras e algumas pessoas da comunidade, as quais puderam revelar informações preciosas para compreender o contexto histórico no qual foi consolidada a comunidade do Sítio Pitombeira.

3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os dados foram coletados por meio dos seguintes instrumentos: observação participante, a qual afirma GIL, (1999:28) *“esse tipo de observação consiste na participação real do pesquisador na vida da comunidade, do grupo ou de determinada situação.”* Com esse instrumento os fatos são percebidos diretamente. Já para Minayo,

a observação participante pode ser considerada parte essencial do trabalho de campo na pesquisa qualitativa”. Já que, é um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. (MINAYO, 2006, p.70).

Desse modo, e com essa técnica foi possível adentrar na vida da comunidade, como se fosse um “membro”, para assim, ter acesso as histórias de vida dos sujeitos da pesquisa. Nesse contexto, Gil, (1991, p.112) complementa afirmando que “essa técnica facilita a obtenção de dados sem produzir suspeitas nos membros dessa comunidade, grupos ou instituições que estão sendo estudadas.”

Sendo assim, o papel do observador é o de está atento em todos os momentos, pois nessas ocasiões não interessam apenas as falas, mas também outros aspectos tais como: gestos, comportamentos e atitudes. E para registrar essas ocasiões a técnica etnográfica através da observação “in lócus” é extremamente importante, para assegurar os elementos da investigação que não estão presentes nos instrumentos como entrevistas, questionários dentre outros. Desse modo, MINAYO (2006) afirma que

“O principal instrumento de trabalho na observação é o chamado diário de campo, ou arquivo eletrônico, no qual escrevemos todas as informações, as quais serão utilizadas pelo pesquisador para fazer análise qualitativa. (MINAYO, 2006, 71).

Por fim, utilizamos neste trabalho, a entrevista semi-estruturada, porque na pesquisa social, esse instrumento possibilita coletar dados que não podem ser encontrados em documentos, mas que podem ser fornecidos por pessoas que estão inseridas no foco da pesquisa. A entrevista possibilita ainda registrar dados sobre a aparência, o comportamento e as atitudes, bem como as reações psicológicas e emocionais do entrevistado.

E Gil (1991, p.119) complementa afirmando que “a entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, crêem, esperam, sentem ou desejam, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes.” O autor ainda ressalta a importância dessa técnica para a obtenção de dados em profundidade a cerca do comportamento humano. Assim,

A história de vida é, geralmente, extraída de uma ou mais entrevistas denominadas entrevistas prolongadas, nas quais a interação entre pesquisador e pesquisado se dá de forma contínua. Situação assim, descrita: “o entrevistador se mantém em uma ‘situação flutuante’ que permite estimular o entrevistado a explorar o seu universo cultural, sem questionamento forçado” (THIOLLENT, 1982, p.86).

Nesse contexto, considerei essa técnica mais adequada porque ela se apresenta de forma flexível, fundamental para o processo de investigação da história oral e das questões de gênero no decorrer desse trabalho.

A minha intenção em usar essas técnicas está atrelado ao foco da pesquisa, já que para sistematizar a história oral é preciso detalhar as lembranças dos sujeitos. O que com outras técnicas a exemplo do questionário limitaria bastante a qualidade das informações obtidas no processo de investigação. Por isso, decidimos deixar a história oral como método e a história de vida como instrumento.

Portanto, esse instrumento utilizado para obter os dados no processo de construção desse trabalho de pesquisa possibilitou uma gama de informações a respeito das questões de gênero e memória, os quais serão analisados e refletidos a luz das teorias, ampliando os conhecimentos e a literatura vigente.

3.4 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram analisados de forma qualitativa, levando em consideração as formas de tratamento recomendadas por MINAYO (2006:80). Para ela nesse processo é preciso ser considerado a discussão, a análise e a interpretação. Sabendo que na descrição as opiniões dos informantes são apresentadas de maneira mais fiel possível, como se dados falassem por si próprios. Já na análise o propósito é ir além do descrito, e por último na interpretação, buscam-se os sentidos das falas e das ações para se chegar a uma compreensão ou explicação que além do descrito e analisado.

3.5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Diante das descrições, análises e interpretação dos dados chegou a uma conclusão que na concepção das ex-professoras a cultura patriarcal sustenta o imaginário do povo no semiárido como sendo um lugar de sofrimento, fome e miséria;

- A construção da identidade de gênero no semiárido extraídas das memórias ressalta que a mesma foi alicerçada no patriarcalismo;
- A história da seca é causa e consequência proveniente do clima;
- O bioma caatinga não oferece condições para garantir a sobrevivência do povo nordestino;
- As condições de trabalho e a falta de conhecimento impossibilitaram essas ex-professoras de explorar o semiárido de forma positiva;
- Os programas sociais hoje possibilitam melhores condições de vida no semiárido;
- Na concepção das professoras que atuam na escola hoje, a partir das memórias, a construção da identidade de gênero é pautada também no patriarcalismo, porém hoje sua compreensão revela que os papéis são atribuídos igualmente para meninos e meninas no processo de ensino e aprendizagem no espaço da escola, porém, com elementos que diferenciam os papéis atribuídos, já que foram construídos culturalmente fora do ambiente escolar, nos diversos grupos sociais dos quais todos(as) participam;
- As professoras estão tentando implementar de forma implícita e assistemática uma educação escolar não sexista;
- A professora revela que o semiárido apresenta potencialidades, essa geração revela um povo que se caracteriza pela persistência na busca de melhores condições de vida, organizando-se formalmente através de associações;
- Ela compreende a fragilidade que os materiais didáticos apresentam em relação ao semiárido, ressaltando apenas o mito da seca, compreende também que é preciso explorar a realidade local dos educandos para chegar ao contexto global;

Contudo percebemos no transcorrer desse trabalho que as concepções são diferentes em relação ao foco da pesquisa, já que as ex-professoras compreendem a construção da identidade de gênero atrelada às questões do semiárido diferente da professora que está atualmente na instituição.

4 HISTÓRIA DE VIDA E A DOCÊNCIA: A CONCEPÇÃO DAS EX-PROFESSORAS E PROFESSORAS DO SÍTIO PITOMBEIRA EM RELAÇÃO AO SEMIÁRIDO NORDESTINO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO.

A educação formal no sítio pitombeira teve seu início na década de 60, a propulsora desse marco foi uma professora leiga na época, hoje aposentada. O convite para tal ofício veio de um dos primeiros moradores, que a chamou para ensinar em sua casa. A demanda na época foi suficiente para formar uma turma multisseriada de 40 estudantes, tipo de organização escolar predominante no campo em todo o país.

As matrículas foram realizadas por ela mesma, e apresentadas à secretária de educação, a qual se prestou com interesse em resolver a questão. Logo verificou o espaço destinado para a sala de aula, levando consigo os instrumentos e o material didático pedagógico necessário e disponível (quadro, giz e livros) para iniciar o processo de ensino.

Entretanto o mobiliário não existia, as crianças eram quem traziam bancos, cadeiras e tamboretas. Segundo a ex-professora esse empecilho não foi motivo para as crianças deixarem de frequentar a sala de aula, pelo contrário a satisfação e o desejo de aprender a ler, escrever e contar superava essas amarras.

Nesse contexto, tão desfavorável no tocante a estrutura física, mobiliário e material de apoio pedagógico ensinar a uma turma multisseriada seria superar os limites da condição profissional. Sendo assim, ela foi ao mesmo tempo professora e guerreira, que mesmo nas adversidades conseguia alfabetizar. Isso porque mesmo sem muita instrução e experiência ela buscava estratégias metodológicas para organizar a turma e iniciar o trabalho.

Assim, observamos ser recorrente na pesquisa a seguinte situação:

Eu separava as turmas de 1ª, 2ª e 3ª série, dividia o quadro porque ficava mais fácil de ensinar. Os que estavam iniciando eu colocava no quadro as letras e depois passava as tarefinhas no caderno. Os outros mais adiantados eu fazia treino ortográfico, vocabulário do texto, leitura e tabuada. (Severina).

Nesse sentido, confirmamos diante dessa prática a presença da pedagogia tradicional, na qual segundo Libaneo (2008, p.67) “os conhecimentos são repassados como verdades absolutas,

aprendizagem é receptiva e mecânica, no qual o aluno repete inúmeras vezes num processo contínuo e sem reflexão.”

4.1 CONCEPÇÃO DE SEMIÁRIDO NA VISÃO DAS EX-PROFESSORAS

No entanto, é visível nos relatos a ausência no processo de ensino dos conteúdos que fazem referência ao nordeste, ou seja, não se levava em consideração a importância de conhecer e explorar sistematicamente o Bioma Caatinga, por exemplo, os livros didáticos não apresentavam tal discussão, como ainda não difundem de forma positiva no contexto em que vivemos, exceto em algumas experiências e/ou casos isolados.

Sendo assim, a trajetória docente dessas profissionais, revelaram mediante a história de vida que: “na época em que eu ensinava pouco ou quase nada se falava sobre nossa vegetação, até mesmo os livros não davam nenhuma importância à caatinga”. Em decorrência disso, pouco era trabalhado em sala de aula, porque o ensino era mais voltado para a sequência do livro e nele segundo as ex-professoras não apresentam conteúdos que falassem sobre o nordeste, quando alguma página fazia referência era sobre a seca.

Entretanto, esse discurso de que o nordeste não oferecia condições para a sobrevivência foi amplamente divulgado nas mídias a ponto das ex-professoras ouvirem constantemente essa divulgação nas mídias de modo geral e relataram assim: “*nos livros não, mas nos jornais foi muito divulgado, principalmente imagens de animais mortos, o solo rachado dos açudes secos, crianças barrigudas. Aquilo impressionava o povo, dos outros lugares, mas nos achávamos normal devido as estiagem longa e como consequência a falta de água, só que ninguém atentava para discutir essa questão com os alunos não*”(Severina).

Esse discurso só veio reforçar a concepção de semiárido que as ex-professoras apresentaram em suas histórias de vida profissional. Pois é possível perceber nas entrelinhas dos relatos que este espaço territorial na visão delas não apresentava condições para a sobrevivência humana, a seca que assolava o semiárido nordestino resultava nas mazelas do povo. Entretanto,

na história de vida, os relatos trazem a vida, narram experiências importantes, sendo, algumas vezes, a única possibilidade de testemunho sobre vidas que os anos e o tempo apagam.

[...] é necessário ouvir as vozes e os relatos dos professores/as para desvendar uma parte do interior do ofício, para recuperar a esperança de que a paixão de ensinar ainda seja possível, dar voz aos professores e as professoras para que narrem o que sentem sobre sua vida profissional, que, seguramente, a maioria não conseguirá separar de sua vida pessoal e institucional. Tudo isso inunda seu ser como sujeitos docentes (IMBERNÓN, 2007, p.11).

Por isso, foi recorrente na pesquisa o desfecho de que esse era o motivo pelo qual os estudantes não concluíam o primário. Porque as condições de vida não permitiam, o sofrimento e o desespero eram tão grandes que obrigava os jovens a buscarem outras regiões na esperança de ter melhores condições de vida.

Nesse sentido, confirmamos mediante os dados levantados que as ex-professoras têm essa concepção de semiárido, ou seja, a reforçada nas músicas de Luís Gonzaga, as quais retratam tão bem a questão da seca em nossa região. Isso foi difundido e repassado no espaço escolar de forma natural, porque foi incutido no imaginário dessas ex-professoras como sendo normal. E para os estudantes através do currículo oculto*, no qual as informações são transmitidas e veiculadas de modo informal.

Desse modo, Sousa (2000, p.83) confirma que “ o currículo quando bem difundido na educação escolar contribui para uma construção corporal dos sujeitos em que a transmissão dos valores, conhecimentos e habilidades, combinam com a internalização de gestos, posturas, atitudes e comportamentos.” Entretanto, esse discurso das ex-professoras veio sempre acompanhado da seguinte afirmação: *nós não trabalhamos essa questão na época porque faltava material que apresentasse outra visão. (Joana)*

Nesse contexto, os sujeitos narram suas experiências e vivências, onde se tecem os caminhos das histórias de vida de todos e de cada um.

Assim, [...] a história oral não é uma mera recuperação de reminiscências descomprometidas; é sim, um resgate do vivido; um contextualizar e resignificar fragmentos de vida no tempo vivido [...] o que implica significados de oralidade, das estruturas mediadoras da linguagem, do ambiente social, da subjetividade,

bem como dos silêncios das (dês) (re) construções de significados dialetizados entre vividos (TEDESCO, 2001, p.68).

Neste sentido, Scott, (1990) ressalta que “o corpo se transforma em motivo de investigação histórica e sociológica e que seu significado pode ser diferente de acordo com o contexto [...]”. O uso do termo gênero representa um processo que procura explicar os atributos específicos que cada cultura impõe ao masculino ou feminino, considerando a construção social internalizada hierarquicamente como uma relação de poder entre os sexos. Já BARBOSA (1989) reforça a ideia de que gênero não quer dizer que quando o indivíduo nasce, ele se torna homem ou mulher, mas que eles se constroem com divergentes comportamentos, poderes e até mesmo diferentes sentimentos.

Dentro dessa conjuntura vale salientar as dificuldades enfrentadas pela a primeira professora da comunidade, a qual ensinava nas casas e com o passar do tempo foram ficando pequenas para atendera demanda de estudantes. Foi quando seu Oscar um dos primeiros moradores ofereceu a sala de sua casa, porém o espaço não foi suficiente, não dava para acomodar todas as turmas.

E como o homem naquela comunidade sempre foi aquele que culturalmente tomava a iniciativa para resolver todos os problemas. Logo seu Oscar conseguiu com o Senhor José Antonio o armazém, no qual as aulas ficaram sendo ministradas.

Nessa época assistência da secretaria de educação para com essas professoras era muito precária, porém com o passar dos anos a prefeitura ofereceu um curso de aperfeiçoamento profissional para professores/as. No qual esta educadora se inscreveu ficando em primeiro lugar após avaliação de desempenho, então o prefeito a presenteou com uma sala de aula, que ela relata assim: *foi uma surpresa para mim, o prefeito chegar anunciando um presente desses, eu que já havia sofrido tanto de casa em casa, agora com uma sala de aula, nem acreditei.* (Severina). Isso reforça a falta de conhecimento dos que fazem a comunidade no sentido de achar que um direito de todos/as pode ser transformado num presente de um político. No entanto, o direito a educação nesse contexto histórico foi violado, de modo que ter acesso a esse direito era se considerar perante outras comunidades um privilégio.

Sendo assim, a promessa foi cumprida com pouco tempo depois, a escola foi construída contendo uma sala de aula, uma cozinha e dois banheiros, com ajuda da comunidade. Inicialmente ela foi denominada por Escola Municipal Major Saturnino. Na inauguração foi a maior festa relatada assim pela ex-professora: *nesse dia eu estava muito feliz, a comemoração foi linda, os alunos participaram de apresentações, quadrilhas, brincadeiras como quebra panela, corrida de saco, pau de sebo e outras, foi festa que não acabava mais.*(Severina).

Com relação a essas datas comemorativas, na escola e na comunidade, vale salientar a presença do homem como sendo na conjuntura social aquele que enfrenta, e toma as decisões, pois mesmo estando a professora responsável por desenvolver as atividades extracurriculares, o vereador Sebastião Vitorino se apresentava como sendo o que mais se empenhava, isso acontecia comumente no dia das mães, das crianças, no desfile cívico de sete de setembro, dentre outras datas. Para Velasquez (2009, p.3) “não devemos nos ater ao que se passou, ou ao o que aconteceu durante um período histórico a mulheres ou a homens, mas como essas significações foram construídas” no espaço das relações sociais.

Depois da Escola construída o número de estudantes foi crescendo e no final da década de 70 forma-se outra turma multisseriada conduzida por uma ex-estudante de Maria Ana a senhora Josefa. Nesse contexto, tem início o histórico de indicações, um fato recorrente na pesquisa, pois todas as ex-professoras entrevistadas foram indicadas por Maria Ana para assumirem uma sala de aula nessa instituição, como apoio do Vereador in memória Sebastião Vitorino.

Em relação a essa passagem todas as falas foram imbuídas de muita emoção, porém essa destacaria por ser a mais envolvente quando ela relata assim:

Eu sempre me dediquei aos estudos, sempre tirava nota 10 em todas as disciplinas, na esperança de um dia realizar meu sonho de ser professora, eu sempre tive paixão por ensinar... Quando surgiu a vaga fazia 10 anos que eu tinha parado de estudar, mas eu já tinha me casado, já era mãe, já tinha maturidade para ensinar. Minha ex-professora Maria Ana mim indicou, eu nem acreditei, porque emprego na zona rural é muito difícil e depois de tanto tempo parada ela ter se lembrado de mim, isso me orgulha muito. (Maria)

De acordo com os relatos dessa educadora, ela não mediu esforços para assumir a turma e dar prosseguimento ao ensino, sempre recorrendo quando necessário a ex-professora. Entretanto, a necessidade de aperfeiçoamento profissional, já que eram leigas fez com que essas duas professoras andassem cerca de três horas a pé duas vezes por semana a fim de concluírem o já extinto Logus II. Nesse contexto, elas relatam assim: *ser professora na zona rural é muito difícil, estamos sempre sozinhas e é de nossa responsabilidade fazê-los aprender, independente da condição ou situação.* (Maria)

Segundo essas educadoras foram respectivamente 30 anos de uma e 27 anos da outra com muito trabalho que geraram nesse percurso insegurança e medo, mas também satisfação alegre e boas recordações. Esse olhar se volta para a memória feminina dessas ex-professoras e professoras para sistematizar a história oral e história de vida profissional, Para tanto, é necessário destacar que:

Desde que haja rastro, distância, mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história. (...) Memória, história: longe de serem sinônimas, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vividos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas distâncias e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente, à história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam: ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual elaicizante, demanda análise e discurso crítico (NORA, 1993, p.9).

As demais ex-professoras enfatizam a oportunidade que lhes foram concedidas por intermédio da professora aposentada Maria Ana, e conceberam essa indicação como sendo fruto de um bom comportamento em sala de aula bem como interesse pelas tarefas as quais relatam assim: *fomos indicadas porque éramos muito aplicadas, sabíamos fazer conta de cabeça com muita facilidade, as tabuadas sabiam de cor.* (Maria.)

Nesse sentido, ser uma estudante exemplar na escola e aos olhos da comunidade era sinônimo de um futuro emprego, implicitamente as jovens que almejavam o ofício de professora

percebiam os pré-requisitos adotados pela professora, na hora de consolidar uma possível sucessão do cargo.

4.2 IDENTIDADE DE GÊNERO

No entanto, é notória nessa comunidade a presença das relações de gênero sendo reforçadas de forma desigual, fato confirmado de acordo com os dados e descritos pela ex-professora assim:

Em termos de aprendizagem as meninas sempre demonstraram mais interesse do que os meninos. As meninas sempre se dedicavam mais para organizar as apresentações das festinhas, e para fazer os deveres. Já os meninos mostravam mais interesse na disciplina de matemática e nos jogos. Em termos de comportamento, os meninos queriam resolver tudo na agressividade, causando grandes problemas para eu resolver. No entanto, as meninas eram mais carinhosas fáceis de lidar. O perfil delas era: Interesse na sala de aula, capricho nas atividades e cooperação junto aos que tinham mais dificuldade. (Severina)

Nesse contexto, é possível discorrer mediante a interpretação dos dados revelados nas histórias de vida dessas educadoras que o ato de ajudar os que tinham mais dificuldade está atrelado de forma implícita ao método de Lancaster, para ele essa atitude se confirma quando a professora designava aquele/a para ajudar na resolução das atividades daqueles que ainda não conseguiam fazer sozinhos (as). Para Lancaster

saber ler era o que distinguia as crianças entre si, numa escola [...] para as que já sabem ler, a leitura não é uma lição, mas o veículo de instrução moral, já para os que não sabem, a leitura se torna uma série de lições progressivas, evoluindo passo a passo até o ponto em que as crianças possam começar a armazenar, para uma vida futura. (LANCASTER, 1805, p.40).

Esse método faz referência à teoria tradicional de ensino, na qual o estudante é visto como uma tábua rasa em relação aos conhecimentos adquiridos previamente. Portanto, é recorrente na pesquisa a afirmativa de que: *tinha sempre alguém especial (menina) que ajudava os alunos/as*

nas tarefas, era considerada como filha da professora, inteligente aprendia com muita facilidade, terminado a tarefa muito rápido.(Maria)

Dessa forma, a escola por ser uma instituição social sistematizada e permanente no meio, passa a ser também um espaço para a formação de meninas e meninos permeada pelas representações de gênero. Porém, a construção dessa identidade não se restringe ao espaço escolar... “Ela se constrói nos mais diversos espaços educativos, como família, igreja, sociedade, que definem de antemão e põe em jogo modelos identitários que sensibilizam o ser homem e o ser mulher” (LOURO,1997, p.142).

Desse modo, as ex-professoras entram em contradição, por considerar um sexo mais ou menos inteligente do que o outro e diante da construção da identidade de gênero, por reforçar veementemente os preconceitos estabelecidos culturalmente.

Outro fato que se destaca na pesquisa com relação à construção da identidade de gênero se refere à segregação entre os sexos, relatada de seguinte forma pelas ex-professoras.

Na hora do recreio eles saem para merendar, as meninas ficam numa fila e os meninos em outra, para evitar os empurrões dos meninos nas meninas. Quando merendam vão brincar, as meninas brincam de elástico e os meninos de bola ou bila. (Maria)

Com isso é possível afirmar que as ex-professoras foram ao longo do tempo imbuídas num modelo pedagógico no qual não emergem valores emancipatórios. Diante do exposto, Sousa e Carvalho, (2003, p.15) confirmam: [...] “é comum no cotidiano escolar a segregação entre os sexos na formação de filas para entrar na escola, na sala de aula, para praticar determinadas atividades esportivas, entre os estudantes aumentando a concepção sexista”. Porém, no contexto histórico em que foram professoras, é compreensível todas as lacunas deixadas no processo de ensino, até porque os conhecimentos não foram suficientes para atender a demanda dessa conjuntura, na qual se revela a construção da identidade de gênero e se formula a concepção a respeito do semiárido nordestino.

Contudo, não quero buscar uma culpada nesse processo, quero somente refletir a luz das teorias e ressaltar a importante contribuição que essas mulheres educadoras ofertaram para a

educação através do ensino nessa comunidade, deixando saudades por serem compreensivas admiradas e ao mesmo tempo persistentes, fortes e resilientes.

4.3 A CONCEPÇÃO DE SEMIÁRIDO NORDESTINO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO NA VISÃO DAS PROFESSORAS DO SÍTIO PITOMBEIRA.

A educação nos dias atuais, nessa comunidade está sob a responsabilidade de duas professoras, uma tem o ensino médio completo e atende a educação de jovens e adultos por meio dos programas de alfabetização solidária. E a outra tem pós graduação e faz parte do quadro efetivo do magistério da rede municipal de ensino.

Ambas apesar de terem formação diferente comungam em linhas gerais da mesma concepção em relação ao semiárido, bem como em relação à construção da identidade de gênero. Porém no decorrer do trabalho foi percorrido separadamente a título de organização, mas que no cotidiano da escola e da comunidade, sabemos que ambos acontecem simultaneamente. Nesse processo o depoimento oral para registrar as histórias de vida dessas educadoras foi de muita relevância. Pois segundo Nóvoa, (1988, p.116) “ as histórias de vida se integram no movimento atual que procura repensar as questões da formação, acentuando a idéia que ninguém forma ninguém, e que a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida.”

Nesse sentido, as professoras revelaram em seus discursos que a região nordeste, é uma região rica com grandes potencialidades. E os dados afirmam que esse espaço territorial é pouco explorado, pois não existem políticas de valorização, de incentivo para que os sertanejos possam crescer economicamente partindo daquilo que é produzido no semiárido.

Outro fato recorrente revelado a partir da interpretação dos dados está atrelado a análise crítica que essas educadoras fazem em relação aos livros didáticos. Diante do exposto elas relatam em linhas gerais dessa forma: *somos orientadas a trabalhar com a realidade do estudante. Mas os livros ainda discorrem sobre o semiárido de forma negativa mostrando que*

essa região é seca e que tudo de ruim que acontece com o povo é por causa das poucas chuvas. Eles não atribuem isso a um fenômeno climático, com qualquer outro a exemplo das geadas no sul do país.(Lila)

Nesse revelar das professoras com relação aos manuais didáticos, Bosi (1983) narra de forma irretocável às lembranças resgata em seus trabalhos, leva em consideração o papel crucial das narrativas no processo de construção social da memória, destacando que:

Um dos aspectos mais instigantes do tema é o da construção social da memória. Quando um grupo trabalha intensamente em conjunto, há uma tendência de criar esquemas coerentes de narração e de interpretação dos fatos, verdadeiros “universos de discurso”, “universos de significado”, que dão ao material de base uma forma histórica própria, uma versão consagrada dos acontecimentos. O ponto de vista do grupo constrói e procura fixar a sua imagem para a História. (BOSI, 1983, p.27).

Nesse contexto, percebe-se o entendimento das educadoras para com o mito da seca. Elas entendem que o semiárido apresenta características singulares e que uma delas é a variação das chuvas e Malvezzi (2007, p.10) reforça afirmando “que não há período fixo, nem lugar certo para chover no semiárido. Essa variação de tempo e espaço dificulta, mas não impede a boa convivência com o ambiente.”

Assim, o trabalho em sala de aula só não fica lacunado porque se utiliza de outras fontes para explorar os conteúdos que estão relacionados ao bioma e ao semiárido. Dentro dessa conjuntura foi possível descortinar a prática pedagógica da professora efetiva e chegar à seguinte conclusão. Ela vivencia a prática de uma educação contextualizada porque abre espaços para a discussão das temáticas a exemplo do bioma caatinga, desmatamento, queimadas, água, poluição, lixo... e outros que estão voltados para a questão local, inserindo essa compreensão dos estudantes de forma mais aprofundada através de suas intervenções no contexto global, de forma que favorece aos estudantes uma aprendizagem mais significativa, já que ela leva em consideração os conhecimentos prévios dos estudantes no âmbito da comunidade, de modo que as verdades do senso comum vão com as suas contribuições resignificando, transformando a compreensão da realidade num movimento contínuo, ou seja, reconstruindo o olhar do estudante para com o semiárido nordestino.

Desse modo, o importante é renovar nos estudantes o espírito de convivência, investir em ações que potencializem os indivíduos para permanecerem no semiárido gerando e garantindo qualidade de vida para todos/as da comunidade, e isso só é possível através da educação. Entretanto é recorrente na pesquisa a seguinte afirmativa sobre a história da seca:

Essa discussão faz parte de nossa realidade, não se imagina fazer educação no semiárido sem falar da seca. Principalmente para mostrar aos estudantes que em todas as regiões do país existe a época das chuvas e a época da estiagem, em uma mais e em outras menos, ou então, com períodos bem definidos (Lila)

De acordo com as professoras a seca no semiárido nada mais é do que uma época de estiagem. Onde surpreende uma população pelo fato de não estarem preparados para a temporada sem chuva, o que leva esse mesmo povo a se organizar junto aos governantes no sentido de angariar recursos que os ajudem a suporta melhor esses momentos de dificuldade no que se refere à produção de alimento animal e humano e ao armazenamento de água potável.

Para isso, Malvezzi (2007, p.105) destaca a importância das tecnologias sociais porque “elas tendem a serem simples voltadas para os problemas básicos do povo, manejáveis, facilmente controladas pela população representando efetivas soluções para a transformação social”.

Isso já acontece na comunidade, já que todas as residências dispõem de cisternas fruto de um trabalho que vem esclarecendo o povo da comunidade numa parceria de diálogo permanente entre escola, associação dos moradores e outros órgãos de apoio ao produtor rural.

Entretanto, nas entrelinhas dos relatos é possível perceber uma diferença existente no cariri semiárido da década de 60 e o cariri semiárido de hoje na visão das professoras. Para elas antigamente o povo dessa comunidade não tinha esclarecimentos, por isso viviam com extrema dificuldade, sem perspectiva de vida, hoje é diferente as pessoas estão mais organizadas em prol de um objetivo. Melhorar as condições de vida de forma sustentável.

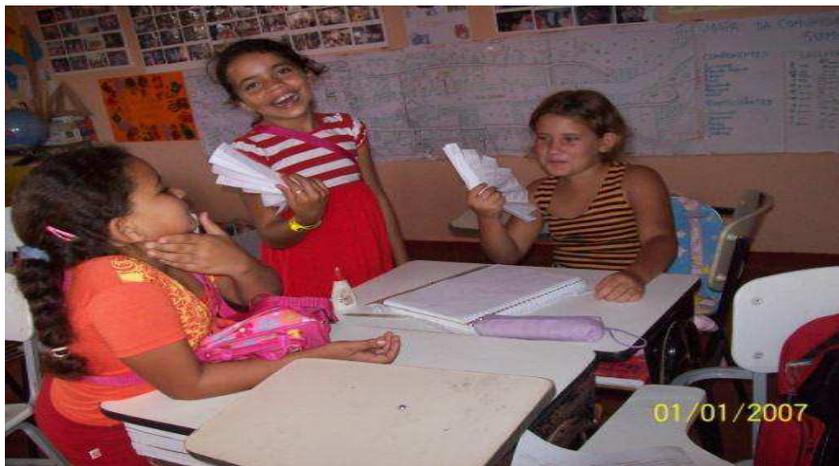
4.4 CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO

Portanto, ao mesmo tempo em que se discute sobre a concepção de semiárido incorporada pelas professoras, percebe-se também como se constrói no âmbito escolar a identidade de gênero nos dias atuais na comunidade do sítio Pitombeira.

Ao longo do tempo foi possível perceber essa construção pautada no patriarcalismo e isso ainda é recorrente na pesquisa quando se trata dos comportamentos indicados culturalmente para meninas e meninos, também em relação à aprendizagem foi unânime o discurso de que as meninas por conta do interesse que apresentam pelas atividades e pela organização aprendem com mais facilidade em detrimento dos meninos que foram caracterizados como desatentos e desorganizados... dentre outras características atribuídas socialmente como sendo indicadas para o sexo masculino.

Porém uma sutil mudança no que se refere a uma educação escolar não sexista se faz presente nos relatos dessas educadoras no tocante as brincadeiras. Segundo elas as crianças brincam juntas, não tem brincadeiras separadas, todos/as brincam e eles/elas mantêm o respeito entre si, durante as atividades em grupo também mantem todos misturados sem distinção.

Contudo, sabemos que essa construção não se restringe a escola os outros grupos sociais dos quais as crianças participam também se apresenta promotora dessa desigualdade e sem perceber as meninas se pegam construindo leques em sala de aula na volta do recreio conforme imagem abaixo.



Sendo indagada pela atitude a menina responde: *minha professora já fez, minha mãe faz isso direto é para diminuir o calor.* Isso é decorrente de comportamentos culturalmente

transmitidas pelos pais, parentes e amigos, reflexos que vieram de outrora, de nossos antepassados e que foram repassados para as novas gerações e ainda se fazem presente no meio social em que vivemos, e em especial na escola, mesmo a professora implementando de forma assistemática a equidade de gênero.

Contudo, essa difusão de preconceitos perpassa pela vida da criança que vai sendo internalizada á medida que um adulto pratica uma ação reforçadora de tais preconceitos. Estas ações atreladas à rotina familiar são repassadas através da postura e do comportamento de cada um neste meio.

Portanto, não quero somente analisar o cerne da questão apontando os meios pelos quais se caracterizam as diferenciações sexistas na comunidade do Sítio Pitombeira, quero a luz das teorias construir meios que possam promover o equilíbrio entre os gêneros no semiárido do cariri paraibano.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a frequente presença das desigualdades sociais envolvendo a questão do gênero, no contexto da comunidade do Sítio Pitombeira e reforçado amplamente pelas ex-professoras no âmbito da escola, na qual foi desenvolvido este trabalho, confirmamos ao final do processo que a construção da identidade de gênero no semiárido do cariri paraibano, mas precisamente nessa comunidade foi alicerçado no patriarcalismo, onde o homem por questões culturais sempre foi enaltecido pelas ações, comportamentos e atitudes em detrimento das mulheres caracterizadas culturalmente como sendo frágeis delicadas e humildes.

Por isso, concluímos que não podemos tratar dos estereótipos socialmente construídos apenas com o desejo de diminuí-los, seja no contexto real da comunidade ou no imaginário das ex-professoras. O que importa é proporcionar as professoras dessa comunidade uma leitura crítica da realidade. Para assim, transformar as práticas assistemáticas de educação escolar não sexista em práticas consistentes, através de subsídios que possam refletir sobre as ações, atitudes e comportamentos. Objetivando entrever nesse processo formas de construir identidades de gênero nessa comunidade no contexto histórico familiar com menos preconceito e mais confiança nas capacidades que ambos os sexos possuem.

Nesse sentido, a docente deve perceber a importância de trabalhar essa construção no semiárido nordestino, mas de forma dinâmica atendendo assim, as prioridades referentes aos dois eixos percorridos nesse trabalho. Isto é necessário, visto que a necessidade vem desde que a comunidade surgiu no início da década de 20.

Isso é fácil de fazer! Não. Até porque a ideologia sexista está arraigada no convívio social e acaba passando despercebida pelos principais protagonistas da educação que são retratados através das instâncias (família e escola). Tanto uma quanto a outra não obtiveram ainda o conhecimento sistematizado e a reflexão necessária para nortear essa construção que conseqüentemente, refletirá no comportamento de meninas e meninos. Isto é dado consolidado no contexto histórico dessa comunidade e porque não dizer na instituição de ensino, com uma pequena ressalva que se destaca na prática das professoras que estão atualmente.

Refletindo esse contexto, mediante análise confirmada, verificamos e chegamos a conclusão de que a concepção de semiárido discorrida nas memórias das ex-professoras é aquele caracterizado pelas mazelas que atormentam os sertanejos, local sem perspectiva de vida difundida na comunidade por meio dos discursos e no espaço escolar através do currículo oculto, porque no currículo real daquele contexto histórico não tinha espaço, os livros didáticos não dispunha dessas temáticas, e o ideal ficou lacunado por falta de conhecimentos dessas educadoras, já que eram leigas, e não dispunham de material de apoio pedagógico suficiente para abordar tais questões.

Percebe-se, entretanto, uma diferença de concepção, as professoras atualmente criticam o livro didático, por não apresentar as questões do semiárido de forma positiva, apontam as melhorias no sentido de que esclarecendo o povo é possível gerar e garantir qualidade de vida para os que vivem no semiárido. Refletem junto aos estudantes a respeito do bioma caatinga e suas potencialidades. Tudo isso, gera conhecimentos que reconfiguram o olhar dos estudantes para como semiárido nordestino.

Enfim, o que importante é incutir práticas de convivência com o semiárido, sem com isso estabelecer desigualdades de gênero, pois sabemos que todos/as tem seu potencial. Assim, compreendemos que o trabalho acadêmico tem necessidades de interlocuções posteriores, por isso, sua continuação é imperativa para outros momentos. O propósito final por instantes é de que sejam divulgados resultados que comungam como princípio de uma educação contextualizada para a convivência com o semiárido e nesta seja difundida a equidade de gênero no meio em que vivemos.

REFERENCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: Massangana; 1999.

BARBOSA, M. À procura da história das mulheres. **Cadernos da Edição Feminina**, história, n. 29, 19, 1989.

BERNARDO, A. M. C. Implicações pedagógicas das relações de gênero no cotidiano escolar. In: CARVALHO, M. E. P. de (Org.). **Consciência de gênero na escola**. João Pessoa: Universitária/UFCG. 2000.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983. (Série Estudos Brasileiros, 1)

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CARVALHO, L. D. A emergência da lógica da “Convivência com o Semi-Árido” e a construção de uma nova territorialidade. In. **Educação para a convivência com o semi-árido**: Reflexões teórico-práticas. Juazeiro: Secretária Executiva da RESAB. 2004

COSTA, José Jonas Duarte da. **Impactos Socioambientais das Políticas de Combate à Seca na Paraíba**. Tese de Doutorado em História Econômica. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de História: São Paulo, 2003.

FARIAS, A.E.M de; PINHEIRO, J.N. Nordeste ou semiárido? A convivência como nova imagem pautada em novos saberes e demandas. Disponível em www.ce.anpuh.org.br acesso em 12/06/2011.

FERREIRA, L. F. G. **Raízes da indústria da seca**: o caso da Paraíba. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB. 1993.

FREIXO, A. A; TEIXEIRA, A. M. F. **Educação e Memória:** caminho para incorporação de **saberes**.Disponível em www.uefs.br/memoriasdorural/publicacao12.pd Acesso em: 12 jun 2011.

GIL, A. Carlos. **Projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas,1991.

GOMES, Alfredo Macedo. **Imaginário Social da seca**. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1998.

IMBERNÓN, Francesc. Aprender com Histórias de Vida. Pátio Revista Pedagógica: Histórias de Vida e aprendizagem. ARTMED, n. 43, p.8-11, ago/out/2007.

JEDLOWSKI, P. **Memórias: Temas e problemas da sociologia da memória no século XX**. proposições,v.14,n.12003.

LANCASTER, José. **Sistema Britânico de Educação**. trad. Guilherme Skinner. Porto, tip.da viúva de Alvarez & Filips.1805.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2008. (Coleção magistério Série Formação do professor).

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade: o normal, o diferente e o excêntrico. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOLLER, Silvana Vilodre (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade:** Um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes 2003.

MALVEZZI, R.**Semi-árido.Uma visão holística**. Brasília: Cofea, 2007

MINAYO,M.C.S.**Trabalho de Campo:** teoria, estratégias e técnicas.In: O desafio de Conhecimento.São Paulo: Hucitec, 2006.

NORA, P. **Entre Memória e História:** a problemática dos lugares. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História. Departamento de História da PUC-SP, n.10, dez./1993.

NÓVOA, Antonio.Os professores e as histórias da sua vida.In: NÓVOA, Antonio (Org.) **Vidas de professores**. 2ed. Portugal: Porto,1995

_____ ; FINGER, M. (Org) **O método autobiográfico e a formação**. Lisboa: Porto 1988.

PORTELLI, A. **O que faz a história oral diferente**. In: Cultura e Representação. São Paulo: Projeto História, no. 14. Educ. 1997

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia Científica**: para alunos dos cursos de graduação e pós graduação. São Paulo: Loyola, 2002.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre. V. 16, n. 2, p. 5-22, jul/dez, 1990.

SILVA, Roberto Marinho A. da. **Entre o Combate à seca e a convivências com o semiárido**: transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento. Brasília Editora Universitária 2006.

SOUSA, V. A. de CARVALHO, M. E. P. de. **Por uma educação escolar não sexista**. João Pessoa: ed. universitária / UEPB, 2003.

SOUSA, V.A.de, CARVALHO, Maria. Eulina.P.de. **Por uma educação escolar não sexista**. João Pessoa: Universitária UEPB, 2000.

TEDESCO, João Carlos. **Memória e cultura**: o coletivo, o individual, a oralidade e fragmento de memórias de nonos. Porto Alegre: EST edições, 2001.

THIOLLENT, M.J.M. **Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária**. São Paulo: Polis, 1982

TOZONI. R.M.F.de C. Pesquisa ação: compartilhando saberes. In: **Encontros e caminhos**: formação de educadores ambientais e coletivos. Brasília, 2005.

WEIL, S. **O enraizamento**. Bauru:EDUSC, 2001.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-
ESTRUTURADA.

1º Roteiro de entrevista semi-estruturada.

Identificação pessoal

- ▶ Quando começou a lecionar?
- ▶ Teve indicação de alguém?
- ▶ A motivação para se tornar professora veio de que ou de quem?
- ▶ A sua formação.
- ▶ O que é ser professora na zona rural?
- ▶ O trabalho em sala aula.
- ▶ Em relação a aprendizagem, tem alguém com mais facilidade para assimilar os conhecimentos.
- ▶ Em que área do conhecimento?
- ▶ Na hora do recreio.
- ▶ Relembrar fatos, coisas que marcaram a docência.

2º Roteiro de entrevista semi-estruturada.

O Semiárido na concepção das ex-professoras e professoras do sítio Pitombeira

- Como Você descreve a região nordeste?
- Como você descreve a região do cariri (do semiárido)?
- Como você trabalhava ou trabalha o Bioma caatinga com seus alunos(as)?
- Os livros didáticos exploram a questão do semiárido? De que forma?
- Como você imagina o semiárido nordestino?
- Era discutida a questão da seca no nordeste com os seus alunos(as)?
- Como você descreveria a história da seca no nordeste?

- Existe diferença entre o cariri (semiárido) de hoje e o de antigamente?

3º Roteiro de entrevista semi-estrutura com os descendentes das primeiras famílias

Sobre a comunidade e a família Messias.

Como era a comunidade na sua origem?

Quais as práticas adotadas pelos moradores?

Conte-me um pouco sobre a história das “Messias”.

Quem eram essas mulheres?

Como viviam? Quantas eram? Quantas casaram?

Como era o comportamento delas em família? E na comunidade?

Qual a importância delas para o Sítio Pitombeira?

Elas foram professoras?